



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Articulação do espaço Público na Malagueira

António Meirinhos da Cruz Serra

Mestrado integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Soraya Genin, Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura

Articulação do espaço Público na Malagueira

António Meirinhos da Cruz Serra

Mestrado integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Soraya Genin, Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE - Instituto
Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

*Dedico este trabalho aos meus pais pelo seu apoio incondicional,
amor, carinho, excelente exemplo como pessoas e profissionais.*

*À minha namorada que está comigo desde o início do curso
e é um pilar da minha vida.*

*Aos meus amigos novos e velhos, por toda a alegria
e momentos que passámos juntos.*

Agradecimentos

Agradeço à Professora Soraya Genin e ao Professor Pedro Pinto por terem sido os orientadores do meu trabalho ao longo deste ano. A disponibilidade e o apoio que me proporcionaram foram inestimáveis.

Também quero expressar a minha gratidão ao engenheiro Luís Jorge pela sua ajuda em todas as questões construtivas.

Um agradecimento especial aos meus colegas Daniel Morais e Simão Jorge, que caminharam comigo ao longo dos últimos cinco anos.

A todos vocês, o meu sincero agradecimento por terem feito parte desta jornada e por terem contribuído para o meu crescimento académico e pessoal.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um projeto de reabilitação para o Bairro da Malagueira, em Évora, da autoria do Arquiteto Álvaro Siza. Apresenta-se uma reflexão crítica sobre os equipamentos projetados e não construídos, concluindo-se que, apesar do sucesso do projeto que proporcionou habitação a um grande número de famílias, o Bairro da Malagueira encontra-se inacabado devido à existência de um conjunto de edifícios públicos, encomendados e projetados, que nunca chegaram a ser construídos.

O bairro necessita de um elemento primordial que lhe confira identidade, que crie um marco, um ponto de referência que contribua para fortalecer o sentido de comunidade dos moradores, para além da sua centralidade e da ligação ao espaço verde central. Propõe-se a construção da Semicúpula e Cafetaria, bem como do edifício da Junta de Freguesia, tal como projetados por Álvaro Siza. Propõe-se ainda a construção de um novo edifício na rua das Lojas, para o qual se apresenta o projeto.

A localização geográfica central destes edifícios em relação ao bairro torna estes projetos cruciais para a articulação do espaço público e para a criação de um centro económico e social no bairro. As propostas apresentadas são as que parecem ter maior relevância para melhorar a qualidade do espaço público, combater o seu estado de abandono e aumentar a segurança.

Palavras-chave: Bairro da Malagueira; Álvaro Siza; Reabilitação Urbana.

Abstract

This work aims to develop a rehabilitation project for the Malagueira social housing complex in Évora, designed by architect Álvaro Siza. It presents a critical reflection on the facilities designed by the architect but not built. It is concluded that, despite the success of the project in providing housing for a large number of families, the Malagueira neighborhood remains unfinished due to the existence of a set of public buildings that were commissioned and designed but were never constructed.

The neighborhood needs a primary element that gives it identity, that creates a landmark, a point of reference that helps strengthen the sense of community among its residents, beyond its centrality and connection to the central green space. The construction of the Semicúpula and Cafeteria, as well as the building of the Parish Council, as designed by Álvaro Siza, is proposed. Additionally, the construction of a new building on Rua das Lojas is proposed, for which the project is presented.

The central geographical location of these buildings in relation to the neighborhood makes these projects crucial for the articulation of public space and the creation of an economic and social center in the neighborhood. The proposals presented are the ones that seem to have the greatest relevance for improving the quality of public space, addressing its state of abandonment, and enhancing security.

Keywords: Malagueira neighborhood; Álvaro Siza; Urban Renewal.

Índice

<i>Agradecimento</i>	<i>i</i>
<i>Resumo</i>	<i>iii</i>
<i>Abstract</i>	<i>v</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>
<i>CAPÍTULO 1 - Évora, evolução dos planos de urbanização</i>	<i>3</i>
<i>CAPÍTULO 2 - O plano do Bairro da Malagueira e evolução construtiva</i>	<i>11</i>
<i>CAPÍTULO 3 - Os equipamentos não construídos</i>	<i>21</i>
<i>3.1 Sede da Cooperativa Boa Vontade (1977-2005)</i>	<i>21</i>
<i>3.2 Broadway 2 (1983)</i>	<i>22</i>
<i>3.3 Aparthotel (1983-1992)</i>	<i>23</i>
<i>3.4 O Complexo Paroquial (1988)</i>	<i>25</i>
<i>3.5 Casa de Chá (1992)</i>	<i>26</i>
<i>3.6 Escola de Línguas (1992)</i>	<i>27</i>
<i>3.7 Clínica Médica (1997)</i>	<i>28</i>
<i>3.8 Semicúpula e cafetaria (1999)</i>	<i>29</i>
<i>3.9 Junta de Freguesia (2001)</i>	<i>30</i>
<i>3.10 Associação Orquestra de Acordeons de Évora (2008)</i>	<i>31</i>
<i>CAPÍTULO 4 - A Proposta</i>	<i>33</i>
<i>4.1 Reflexão sobre a Malagueira</i>	<i>33</i>
<i>4.2 Semicúpula e Cafetaria</i>	<i>39</i>
<i>4.3 Edifício da Junta de Freguesia</i>	<i>43</i>
<i>4.4 Nova Construção</i>	<i>45</i>
<i>Conclusões</i>	<i>53</i>
<i>Referências Bibliográficas</i>	<i>55</i>

Índice de Figuras

Figura 1.1; Plano de Urbanização de Évora, Anteprojecto de Étienne de Groer. Fonte: Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, 2001.	5
Figura 1.2; Plano de Urbanização de Évora, Conceição Silva. Fonte: Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, 2001.	6
Figura 1.3; Plano geral de Urbanização 1979. Fonte: Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, 2001.	8
Figura 2.1; Plano de pormenor do Bairro da Malagueira. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, plano de pormenor de Álvaro Siza, 1977.	11
Figura 2.2; Desenho da casa-pátio. Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	12
Figura 2.3; Casa-pátio e alçado em banda. Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	14
Figura 2.4; Casa-pátio e alçado em banda . Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	15
Figura 2.5; Relação da Conduta com as Casa-pátio. Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	16
Figura 2.6; Projeto da tipologia A à esquerda e da tipologia B à direita . Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DORU, projeto de Álvaro Siza, 1977.	17
Figura 2.7; Planta da Malagueira. Identificação dos equipamentos não construídos. Fonte: Desenho do autor.	18
Figura 2.8; Jardim dos Socalcos à esquerda e Horta da Nora à direita. Fonte: Fotografias do autor.	19
Figura 3.1; <i>Planta da sede da Cooperativa da Boa Vontade e terreno previsto para a construção.</i> Fonte: Desenho de Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado, U. de Évora, 2017. Fotografia do autor.	21
Figura 3.2; Planta Broadway 2 . Fonte: Desenho de Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado, U. de Évora, 2017.	22
Figura 3.3; <i>Entrada Oeste da Broadway 2 à esquerda e vista do interior à direita.</i> Fonte: Fotografias do autor.	22
Figura 3.4; Planta e alçado do Aparthotel. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1992.	23
Figura 3.5; Terreno previsto para a construção do Aparthotel. Fonte: Fotografia do autor.	24
Figura 3.6; <i>Projeto e local de implantação do complexo paroquial.</i> Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1988. Fotografia do autor.	25
Figura 3.7; <i>Planta. e local de implantação da Casa de Chá.</i> Fonte: Desenho de Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado, U. de Évora, 2017. Fotografia do autor.	26
Figura 3.8; Planta da Escola de Línguas . Fonte: Desenho de Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado, U. de Évora, 2017.	27
Figura 3.9; Planta da Clínica Médica e terreno previsto inicialmente para a construção Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1997. Fotografia do autor.	28

Figura 3.10; Alçado e planta da Semicúpula e da Cafetaria. Fonte: Desenho do autor.	29
Figura 3.11; A Semicúpula e a Cafetaria serão implantadas entre os pilaretes à entrada da rua Fonte: Fotografia do autor.	29
Figura 3.12; Projeto do edifício da Junta de Freguesia . A planta é apresentada no capítulo 4. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 2001.	30
Figura 3.13; Edifício da Junta de Freguesia. Fonte: Fotografia do autor.	30
Figura 3.14; Planta da escola de música e terreno previsto para a construção. Fonte: Desenho e fotografia do autor.	31
Figura 4.1; <i>Estudos da proposta de extensão da cidade e do tecido urbano.</i> Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	34
Figura 4.2; Praça do Giraldo e praça Zeca Afonso. Fonte: Fotografia do autor.	35
Figura 4.3; <i>Implantação, com a semicúpula, o edifício da junta de freguesia e o novo edifício</i> Fonte: Desenho do autor.	35
Figura 4.4; <i>Plantas da Semicúpula, Cafetaria e Junta de Freguesia.</i> Fonte: Desenho do autor.	36
Figura 4.5; <i>Ampliação da legenda da figura 3.12. Edifício da Junta de Freguesia à direita.</i> Fonte: Arquivo Câmara Municipal de Évora DORU, projeto de Álvaro Siza, 2001.	37
Figura 4.6; Fotografia da maquete da zona de intervenção. Vista da praça Zeca Afonso Fonte: Maquete e fotografia do autor.	37
Figura 4.7; <i>Fotografia da maquete da zona de intervenção. Vista da rua das Lojas.</i> Fonte: Maquete e fotografia do autor.	38
Figura 4.8; <i>Fotografia da maquete da zona de intervenção.</i> Fonte: Maquete e fotografia do autor.	38
Figura 4.9; <i>Fotografia da maquete da zona de intervenção.</i> Fonte: Maquete e fotografia do autor.	39
Figura 4.10; Proposta inicial com ligação da Conduta com a Semicúpula. Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	40
Figura 4.11; Semicúpula proposta final, Caderno de desenhos. Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	41
Figura 4.12; Estudo Prévio da Semicúpula, corte construtivo. Fonte: Arquivo Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1999.	42
Figura 4.13; <i>Estudos dos materiais da Semicúpula e da Cafetaria .</i> Fonte: Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.	43
Figura 4.14; <i>Estudo Prévio; corte construtivo da Junta de Freguesia.</i> Fonte: Arquivo Câmara Municipal de Évora DORU, projeto de Álvaro Siza.	44
Figura 4.15; <i>Alçado do edifício da Junta de Freguesia.</i> Fonte: Desenho do autor.	45
Figura 4.16; Plantas os elementos do projeto a não considerar (amarelos à esquerda) e com os elementos novos a construir (a vermelho à direita). Fonte: Desenho do autor.	45

Figura 4.17; Planta do piso -1. Fonte: Desenho do autor.	46
Figura 4.18; Planta do piso 0. Fonte: Desenho do autor.	47
Figura 4.19; Planta do piso 1. Fonte: Desenho do autor.	47
Figura 4.20; Perspetiva da intervenção proposta. Fonte: Desenho do autor.	48
Figura 4.21; Alçado do novo edifício a construir. Fonte: Desenho do autor.	48
Figura 4.22; Planta e corte A do novo edifício a construir. Fonte: Desenho do autor.	49
Figura 4.23; Corte construtivo B do novo edifício (planta na figura 4.22). Fonte: Desenho do autor.	50
Figura 4.24; Pormenor P1 da figura 4.23. Fonte: Desenho do autor.	50
Figura 4.25; Pormenor P2 da figura 4.23. Fonte: Desenho do autor.	51
Figura 4.26; Pormenor P3 da figura 4.23. 9 – Argamassa de nivelção 40mm; 10 – linóleo 3,2mm. Fonte: Desenho do autor.	51
Figura 4.27; Pormenor P4 da figura 4.23. 11 – Gravelha 150mm; 12 – Betão 250mm. Fonte: Desenho do autor.	52

Introdução

Este trabalho de mestrado tem como objetivo desenvolver um projeto de reabilitação para o Bairro da Malagueira, em Évora, da autoria do Arquiteto Álvaro Siza.

Não é propósito deste trabalho a descrição exaustiva do projeto da Malagueira, que já foi objeto de muitos estudos, nomeadamente através de um número significativo de dissertações.

Partindo do projeto de Álvaro Siza, avaliou-se o seu estado de execução e de conservação do existente, tendo-se concluído que apesar do sucesso da obra, que forneceu habitação a um grande número de famílias, não foi construído um conjunto de equipamentos públicos projetados, que ajudariam a expandir o centro histórico, criando um polo económico e social no Bairro da Malagueira.

O tema desta dissertação foi proposto no âmbito do projeto “Atlas de Siza: Colmatar lacunas no Património Mundial”, contribuindo para a candidatura de um conjunto de obras de Álvaro Siza para a Lista do Património Mundial da UNESCO.

O início do estudo consistiu na análise de textos de Siza e bibliografia relacionada, seguiu-se a análise de diversas obras do Arquiteto com o objetivo de compreender a sua arquitetura, e em particular os princípios de projeto. Para além da Malagueira, foram analisadas quatro obras: a Escola de Setúbal (1986-1994), a Reconstrução do Chiado, (1988-1999) o Pavilhão de Portugal (1995-1998) e a Adega Maior (2003-2006). Concluí que a arquitetura de Álvaro Siza é sempre coerente com um conjunto de valores, respeita a topografia e a paisagem, utiliza as características existentes mais ricas, e exalta-as, tornando-as um dos pilares da sua proposta. Procura estabelecer uma relação com a cultura local, escolhendo materiais sempre que possível da região, e propondo tipologias e modelos urbanos presentes na área a construir. Nunca esquece o passado e o que já existe na envolvente, construindo obras atuais, que remetem para a história e cultura do local onde se inserem.

Em grupo, realizei um trabalho de campo aprofundado. Efetuei um levantamento do estado de conservação do bairro, das construções e espaços exteriores, realizei entrevistas com moradores e com as associações da Malagueira. Desloquei-me cerca de uma dezena de vezes ao Bairro, consultei fontes primárias do plano de pormenor, de equipamentos públicos não construídos, assim como de projetos de execução.

Após uma investigação detalhada de todos os equipamentos projetados, através dos documentos existentes no Arquivo da Câmara Municipal de Évora, na Divisão de Gestão Urbanística (DGU) e na Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana (DORU), analisei estas obras, de modo a perceber quais seriam as de maior relevância para reabilitar o bairro.

No capítulo 1 apresento uma análise histórica do urbanismo de Évora no último século, descrevendo o aparecimento dos bairros clandestinos como consequência do êxodo rural, os

diferentes planos de urbanização, desde o plano de Étienne de Groer nos anos quarenta do século passado, até ao Plano de Urbanização de Évora do ano 2000. Descrevo as principais transformações que a cidade foi sofrendo, bem como a construção das infraestruturas básicas e dos equipamentos urbanos ao longo deste período, incluindo a recuperação dos antigos bairros clandestinos e a construção de novos eixos viários, no período imediatamente após o 25 de abril de 1974.

No capítulo 2 descrevo o plano de pormenor e de arquitetura do Bairro da Malagueira, desde o momento da sua encomenda ao Arquitecto, nos anos 70, até ao seu estado atual, descrevendo o plano, as construções e a evolução construtiva. Refiro o papel das reuniões de Siza com a Câmara Municipal de Évora, com as associações de moradores e todos os atores relevantes para o desenvolvimento do projeto.

No capítulo 3 apresento uma reflexão crítica sobre os equipamentos projetados e não construídos, concluindo que apesar do sucesso deste processo, o bairro da Malagueira se encontra inacabado, por existir um conjunto de edifícios públicos, encomendados e projetados, que nunca chegaram a ser construídos. Ainda no capítulo 3 abordo o projeto da Malagueira do ponto de vista da sua relação com o centro histórico da cidade de Évora e da forma como os equipamentos públicos projetados, juntamente com a conduta e a malha residencial, estenderiam a cidade para fora das muralhas, dispersando a atividade administrativa e comercial para lá do centro histórico.

No capítulo 4 apresento a minha proposta de reabilitação, que inclui a construção de um novo edifício e de equipamentos projetados por Siza e não construídos, que me parecem da maior relevância para tornar o bairro da Malagueira num polo importante de Évora.

Proponho a construção da Semicúpula e da Cafetaria, assim como a expansão do edifício da Junta de Freguesia, recuperando a rua das Lojas e a Praça Zeca Afonso integralmente como projetado pelo Arquitecto Álvaro Siza. A centralidade geográfica deste conjunto no bairro, bem como a importante relação que promove com o Bairro de Santa Maria, intenção original de Siza, tornam este projeto fundamental na articulação do espaço público e na criação de uma área social no bairro.

O novo edifício é um centro administrativo, de serviços e comercial com o objetivo de aliviar as atividades no centro histórico, criando um novo polo económico na Malagueira. O projeto respeita os princípios arquitetónicos de Siza, autor original, mantendo a forma, volumetria e materialidade, inovando no sistema construtivo, contemporâneo. Proponho a construção em CLT, minimizando o uso de betão armado, com vista a uma reabilitação sustentável. O projeto apresenta uma linguagem semelhante a todo o bairro da Malagueira, mantendo uma relação com o bairro e com o centro histórico.

CAPÍTULO 1 - Évora, evolução dos planos de urbanização

A partir do início do século XIX, devido ao desenvolvimento do setor industrial nas cidades portuguesas, assistimos a um êxodo rural em massa, levando grande parte da população a abandonar os campos em busca de melhores condições de vida nas cidades. Esta situação, juntamente com a progressiva terciarização dos centros urbanos, fez com que as periferias das cidades ficassem sobrelotadas pelas pessoas que abandonaram os campos e com os cidadãos expulsos do centro da cidade. Uma das consequências deste processo foi o aumento exponencial dos bairros clandestinos. Évora, apesar de em grau menos acentuado do que em Lisboa e no Porto, inscreve-se neste quadro geral.

O Código de Posturas da Cidade de Évora de 1878 não inclui nenhum artigo sobre esgotos domésticos. No fim do século XIX já nos chegam notícias de a Câmara contrair empréstimos bancários para a construção de esgotos. Em 1900 surge um requerimento dos moradores para o encanamento do esgoto da Rua Alcárcova de Cima. É um período de transição dos esgotos em valas descobertas para valas subterrâneas no interior da cidade. Em 1908 a Câmara estabelece a obrigatoriedade de ligação dos esgotos do edifício ao coletor, em todas as ruas. O primeiro estudo completo sobre o sistema surge em 1910 pelo engenheiro J. Fernandes Araújo. As obras só foram realizadas em 1933 pelo próprio engenheiro, o seu abandono fez com que ficassem incompletas. Essas valas dos esgotos terminavam em valas abertas no exterior da cidade, medida que acabou por prejudicar todos os bairros clandestinos circundantes das muralhas que surgiram a partir de 1925. Foram tomadas medidas para ajudar a pobre situação dos moradores destes bairros, como o tapamento das valas coletoras exteriores.

Em 1932 O Estado Novo decide transformar o Ministério do Comércio e Comunicações no Ministério das Obras Públicas e Comunicações. O novo ministério, dirigido pelo Ministro Duarte Pacheco, publicou o decreto-lei nº 24802 em 1934, que obrigou todas as câmaras municipais a disporem de plantas topográficas atualizadas e a elaborarem Planos Gerais de Urbanização, a aprovar pelo governo¹.

“...a indústria desenvolveu-se exponencialmente, a importância relativa da agricultura decaiu em termos drásticos e definitivos, a população começou a fugir em massa dos campos em direção às cidades”².

Étienne de Groer foi contratado para fazer o Plano de Urbanização de Évora (PUE), o trabalho foi iniciado em 1942, tendo o plano sido aprovado em 1947.

¹ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, pp. 101-102, 2001.

² José Mattoso, “História de Portugal”, vol. VII, pp. 440, 1994.

Étienne descobre uma cidade pouco saudável, devido ao edificado que se encontra muito próximo, sem espaço entre as construções. A solução para esse problema foi eliminar alguns edifícios, sem destruir o património, limitando assim o número de habitações e criando pátios, aumentando os espaços públicos.

Decidiu também criar eixos viários, implantados nas áreas mais desafogadas, aliviando assim a vivência no interior da muralha. Esta solução permitiria a expansão da zona comercial.

Étienne intervém também na parte exterior da muralha, propondo uma construção de um espaço envolvente arborizado, permitindo a circulação do ar e a construção de uma cidade saudável, dando expressão prática à teoria do que ele acreditava relativamente à cidade-jardim. As habitações propostas eram unifamiliares e iriam servir as várias classes sociais. O urbanista implanta eixos viários, que através de impasses criam espaços semiprivados, por cortarem a visão do espaço circundante. Foram projetados espaços dedicados às crianças assim como zonas verdes, prevendo que o número destes espaços públicos de qualidade fosse proporcional ao número de habitantes.

A execução do Plano começou com a construção da Zona de Urbanização nº 1 (delimitada a azul na planta da figura 1.1): avenida de S. João de Deus e avenida Leonor Fernandes e ruas transversais. Na primeira avenida foi construído o Bairro do Legado Operário, caracterizado por prédios de habitação social. A segunda era composta por grandes moradias isoladas. Esta nova urbanização não foi, no entanto, capaz de combater a expansão dos bairros clandestinos, que ofereciam lotes mais baratos e de construção evolutiva³.

“... começaram assim a surgir na periferia de Évora as construções clandestinas, na realidade, autênticas habitações rurais, com todas as suas deficiências e inconvenientes, transpostas para o ambiente citadino. Encher um terreno com casas era tarefa que não constituía em Évora, como não constitui ainda hoje, problema de espécie alguma. O vendedor dividia o terreno em lotes, para o que fazia a sua plantazinha, chegava ao preciosismo de inscrever duas ruas, formando uma cruz perfeita, e não faltava depois os sem casa, como novos pioneiros a edificarem cidade no «Far-West». E eram os próprios chefes de família, com o auxílio das mulheres e filhos, que erguiam as quatro paredes da sua casa – muitas vezes nada mais tendo além de quatro paredes, felizes por conseguirem enfim alcançar o que constituía, na terra natal abandonada, a sua maior fortuna. (...) E, assim, chegamos ao ponto de verificar que, durante cerca de vinte anos, a construção clandestina cresceu e avolumou-se em Évora, embora continuassem a ser indeferidas quase todas as solicitações no sentido de se construir legalmente, sob o pretexto de estar em estudo um plano de urbanização da cidade – pacientemente aguardado há vinte e dois anos.”⁴.

³ Câmara Municipal de Évora, livro “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, pp. 102-103, 2001.

⁴ Antunes da Silva, “Alentejo é Sangue”, 1984.



Figura 1.1; Plano de Urbanização de Évora, Anteprojecto de Étienne de Groer⁵. A zona delimitada a azul corresponde à Zona de Urbanização nº 1. A vermelho está assinalado o Bairro da Cruz Picada.

A partir de meados da década de 40 do século passado, Évora foi alvo de inúmeras intervenções.

Em 1945 foi contratado o engenheiro Celestino da Costa para execução de um projeto de saneamento, que engloba os bairros extramuros.

Em 1945 verifica-se um problema grave no abastecimento de água, devido ao aumento do consumo e diminuição do caudal, sendo decidido abrir mais furos e poços.

Em 1946 foi aprovado o Regulamento Geral das Canalizações de Esgoto, obrigando à existência de redes, e à sua ligação, quer dos prédios novos, quer dos antigos.

Em 1959, foi encomendada a revisão do plano de urbanização a Nikita de Groer. O Antepiano de Urbanização de Nikita de Groer foi apresentado na reunião da Câmara Municipal de Évora (CME) de 10 de Abril de 1959, mas não chegou a ser aprovado. O urbanista fez propostas para o Bairro da Cruz Picada, assinalado a vermelho na figura 1.1, anulou a abertura de uma avenida comercial proposta para o centro histórico, propôs o alargamento da estrada de circunvalação, fez o desenho urbano para

⁵ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, p. 103 2001.

a Zona de Urbanização nº 2 (Tapada), incluiu o parque de desporto da cidade, com a vasta zona do campo do Lusitano e parque de automóveis de anexo, campo de obstáculos e campo do Juventude, nova escola técnica e duas novas zonas comerciais.

Na sequência do trabalho de Nikita de Groer, a antiga estrada de circunvalação muda de duas faixas de rodagem para quatro, é posta de lado a construção de uma avenida que ligaria o Largo de S. Francisco à praça Joaquim António Aguiar. Em contrapartida cria-se uma grande via composta por uma estrada de circunvalação mais ampla.

Em 1969 a Câmara Municipal de Évora encomendou ao Atelier Conceição Silva a revisão do plano de urbanização. Este plano abrange uma área muito maior que o anterior, incluindo todos os bairros “clandestinos” e introduzindo novas áreas com densidades de ocupação variável. Propondo uma rotura na ideologia da cidade-jardim adotada anteriormente. A nova orientação política resultante do 25 de Abril não deu continuidade a este plano⁶.

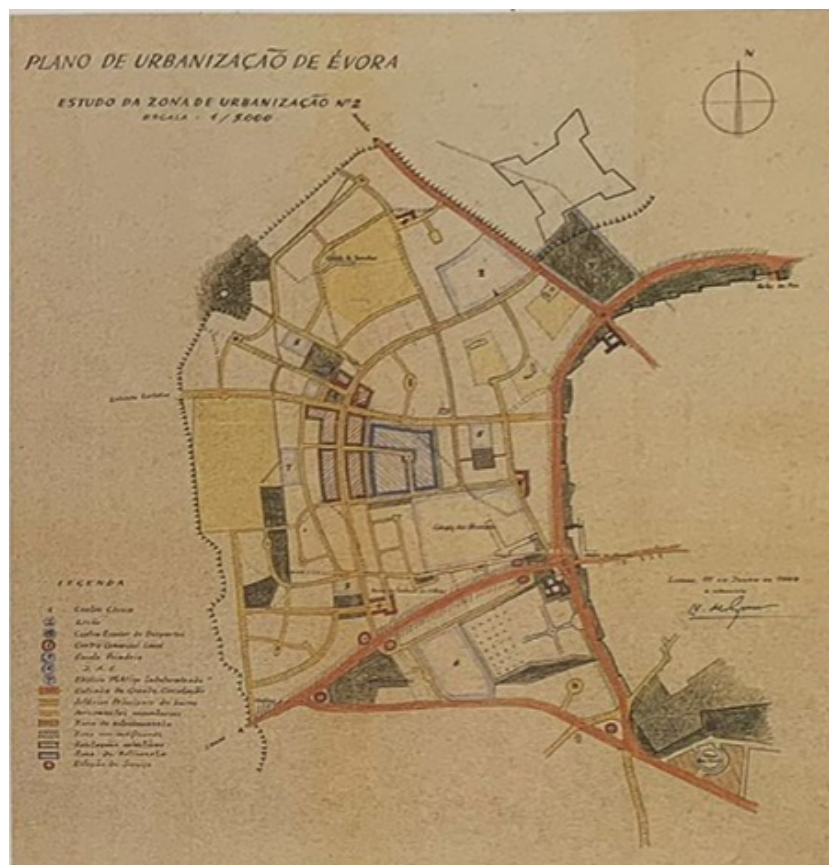


Figura 1.2; Plano de Urbanização de Évora, Conceição Silva⁷. Este mapa apresenta a proposta de inclusão dos bairros clandestinos adjacentes à muralha.

⁶ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, pp. 106-110, 2001.

⁷ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, 2001.

Na década de 70 a cidade de Évora sofria de uma degradação física e social do centro histórico, com graves problemas de habitação e um aumento incontável dos bairros clandestinos.

Em 1974 inicia-se o crescimento dos bairros existentes extramuros, e o surgimento de novos bairros como a Malagueira, o que levou à extensão muito significativa da rede de esgotos.

Uma das consequências marcantes do 25 de Abril foi o derrube do modelo corporativo, a consagração constitucional do Poder Local democrático e da lei Eleitoral para as autarquias.

Logo após as primeiras eleições autárquicas livres, realizadas em dezembro de 1976, iniciou-se o processo de resolução dos problemas de abastecimento de água e do saneamento básico.

A refundação da Universidade de Évora em 1979, e mais tarde a classificação da cidade como património da humanidade em 1986 tiveram consequências muito positivas para Évora, com transformações apreciáveis ao nível da hotelaria, da restauração e do comércio, para além da animação da própria cidade.

Évora sofre uma enorme transformação urbanística, em 1970 o número de fogos aumenta para mais de 10 000, e em 1991 para 15 000. Neste período a cidade cresceu muito a oeste (zona da Malagueira/Fontanas), a norte (Barcelo/Frei Aleixo) e a sul (Horta das Figueiras). Os antigos bairros clandestinos foram recuperados, construíram-se eixos viários acompanhando por um grande aumento na taxa de motorização, criando acessos e abrindo novas fontes de crescimento na cidade.

A nova dinâmica municipal priorizou o saneamento básico nos bairros carenciados e a construção de novas habitações. Logo após o 25 de Abril foi criado o G.R.A.C (Gabinete de Recuperação de Áreas Clandestinas), que ficou responsável pelo levantamento da situação existente em todos os bairros extramuros e das respetivas necessidades.

O Plano Parcial de Expansão Prioritária (1974), apontou para a expansão da cidade para a zona Oeste (Malagueira, António Sérgio, Escurinho e Bela Vista).

Na segunda metade da década de 70, numa população de 35 000 habitantes, 15 000 viviam em áreas clandestinas agrupadas em 30 bairros espalhados pelo território. Foi esta situação que originou a urgência da atuação municipal sobre a legalização dos bairros e a construção das instalações de saneamento. Definindo uma estratégia para combater a construção de bairros clandestinos, o município criou soluções alternativas para as famílias à procura de casa, através da oferta de lotes municipais, em número e condições que faziam concorrência à oferta clandestina⁸.

Foram criados lotes de habitação social para ajudar os jovens e a população mais carenciada a ter direito a habitação com condições de saneamento básicas. Como consequência destas políticas o parque habitacional cresceu mais de 20%.

⁸ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, pp. 145-155, 2001.

Em 1979, foi elaborado e aprovado um plano de urbanização, que estabeleceu orientações de ordenamento e desenvolvimento do território para todo o concelho.



Figura 1.3; Plano geral de Urbanização 1979⁹. A zona delimitada a azul corresponde ao bairro da Malagueira, comparando com os planos anteriores verifica-se um expressivo alargamento da área abrangida.

⁹ Câmara Municipal de Évora, “Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora”, 2001.

Complementando o Plano Geral de Urbanização de 1979, o Plano Diretor Municipal (PDM) aprovado em 1980, que foi uma iniciativa pioneira, uma vez que a legislação regulamentadora dos PDMs só foi aprovada em 1982.

Para travar a construção e loteamentos clandestinos e superar a falta de habitação, a autarquia desenvolveu um conjunto articulado de políticas. Para esse fim adquiriu terrenos, urbanizou e vendeu, a baixos custos, lotes para habitação própria. Entre 1978 e 1984 foram cedidos mais de 3 000 lotes.

Para melhor promover a urbanização destas propriedades foi criada uma associação entre Câmara e os proprietários. Foi aprovado em 1982 o RMAL (Regulamento Municipal de Atribuição de Lotes).

A viabilização de construção evolutiva, com projetos oferecidos pela Câmara, ajudou a combater um dos grandes aliciamentos da construção clandestina, o seu faseamento de acordo com as disponibilidades financeiras das famílias.

As Cooperativas de Habitação construíram mais de 1 500 fogos, o que ajudou a combater os elevados custos de construção. As cooperativas foram determinantes no desenvolvimento de novas áreas residências na cidade, como é o caso da Malagueira, Alto dos Cucos, António Sérgio, Horta das Figueiras e da Casinha.

Nos anos 80 houve um grande investimento público e cooperativo, que resultou na construção de importantes zonas de expansão urbana e na construção de equipamentos públicos básicas na cidade.

Em 1983 é dada por concluída a construção da ETAR¹⁰.

Entre 1978 e 1984 construíram-se loteamentos correspondentes a 6 000 fogos. Esta política prosseguiu até aos anos 90, a partir daí a construção diminuiu, devido às dificuldades acrescidas para a aquisição de solos. Este fenómeno ocorreu devido a alteração no código de expropriações, que estabeleceu preços mais razoáveis na aquisição de solos privados para o domínio público. Esta medida levou ao afastamento do município nas iniciativas de aquisição de solos para os transformar em habitação social, o que resultou num aumento significativo no preço dos solos por parte da oferta privada e levou à rutura do stock na habitação para os mais carenciados.

Decorridos 12 anos da sua aprovação, o Plano Diretor Municipal foi revisto de forma a adequá-lo não só as novas realidades, mas também às perspetivas para o futuro.

Na década de 90, após ter sido declarada património da humanidade, e com a construção de escolas, habitações e equipamentos públicos, Évora torna-se cada vez mais rica na vida económica,

¹⁰ Câmara Municipal de Évora, "Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora", pp. 110-141, 2001.

social e cultural. O afluxo de fundos comunitários permitiu investir em grandes equipamentos e redes viárias, configurando uma nova cidade.

No ano 2000 o Regulamento do Plano Geral de Urbanização de Évora, ratificado pela resolução do Conselho de Ministros n.º 13/2000¹¹, criou perspetivas de retoma da intervenção municipal. As medidas acima referidas, foram fundamentais no combate aos bairros “clandestinos”, reanimaram a iniciativa privada e permitiram o combate à desertificação dos núcleos urbanos das freguesias rurais do concelho.

¹¹ Diário da República n.º 74/2000, Série I-B de 2000-03-28, pp. 30907-3913.

CAPÍTULO 2 - O plano do Bairro da Malagueira e evolução construtiva

Em 1976 a Câmara Municipal de Évora decidiu convidar o arquiteto Álvaro Siza para elaborar o plano de pormenor e o projeto de arquitetura do bairro da Malagueira, como reconhecimento pela qualidade dos trabalhos desenvolvidos por Álvaro Siza no âmbito das operações SAAL.

“Álvaro Siza tinha participado no SAAL, portanto já tinha essa experiência, que correspondia à forma de pensar. Essa questão foi preciosa e permitiu um diálogo mais apertado com os associados. As pessoas aderiam facilmente.”¹²



*Figura 2.1; Plano de pormenor do Bairro da Malagueira*¹³.

O plano de pormenor do bairro da Malagueira (1979) abrange uma área de 27 hectares integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora (1974). É limitada a norte pela via de acesso à piscina e instalações universitárias, a sul e oeste respetivamente pelos bairros Santa Maria e Fontanas, e a Este pelo caminho de acesso à Quinta da Malagueira e ao bairro São Sebastião. O plano propõe a criação de uma unidade residencial estruturada para cerca de 12 000 habitantes, integrada e articulada com os bairros clandestinos. O zoneamento proposto está estruturado a partir dos espaços verdes existentes (quinta e zonas arborizadas) e análise da aptidão dos solos, procurando garantir uma íntima

¹² Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume III, pp. 220, 2017.

¹³ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, plano de pormenor de Álvaro Siza, 1977.

correlação entre a cidade intramuros e a sua expansão. O projeto teve o envolvimento das diferentes entidades: Cooperativa da Boa Vontade, Habitévora, Associação de moradores de São Sebastião e Fundo de Fomento da Habitação.

O arquiteto foi convidado pela CME a elaborar um Plano que estivesse de acordo com as características da cidade.

O projeto do Bairro da Malagueira teve como objetivo ajudar a combater o problema de habitação na cidade, mas para além disso propor uma extensão da cidade para lá das muralhas.

“O que construímos na Malagueira é como o grau zero de uma cidade, ou mais exatamente, o ponto que se segue imediatamente ao zero.”¹⁴



Figura 2.2; Desenho da casa-pátio¹⁵.

¹⁴ Alexandre Alves Costa, "Álvaro Siza – Arquitetura", livro 1, p. 79, 1990.

¹⁵ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

A ideia de Siza foi a adoção da tipologia da casa-pátio de dois pisos, evolutiva e em banda, contrariando o Plano de Expansão previsto com prédios altos. Ao contrário dos edifícios construídos anteriormente no bairro da Cruz Picada, as casas estão implantadas de acordo com a topografia, respeitando-a e adaptando-se às suas características, criam um conjunto harmonioso, mantendo a cota definida pelo terreno para preservar a vista da natureza e do centro histórico¹⁶.

“A estratégia que foi assente consistia em fazer um plano que fosse dinâmico porque havia questões essenciais que foram pedidas pela autarquia ao Siza. Havia que propor uma contrapartida ao loteamento clandestino que já existia prolongando a qualidade do centro histórico para o exterior. Este lugar deveria funcionar como um polo gerador, não de combate ao centro histórico, mas como prolongamento do centro histórico. E, ao mesmo tempo, deveria ser gerador de um crescimento à volta da cidade à imagem do centro histórico, mesmo não o sendo. Era uma ideia que depois poderia ser expandida para outros planos.”¹⁷

A casa-pátio de Évora, figuras 2.2 a 2.4, é uma mistura entre a casa islâmica e o solar português, existente por todo o país. Com intenções completamente distintas, o pátio, foi retomado no presente século. Primeiro no centro histórico através da construção clandestina, depois nos bairros extramuros como Senhora da Glória e Santa Maria. Álvaro Siza retoma a tipologia da casa-pátio no Bairro da Malagueira, respondendo a um programa de habitação social, onde cada morador tem o seu espaço exterior privado de pátio e a possibilidade de dimensionar o andar, de acordo com tipologias pré-definidas, de forma que o projeto melhor se adapte às suas necessidades. Entre outras qualidades é um projeto de habitação evolutiva, que serviu como referência para muitos outros.

“As habitações que projetei, correspondem a uma única tipologia: a construção afasta-se da estrada, libertando um pátio, para depois se unir ao longo de uma parede de fundo com uma outra casa que repete, por trás, o mesmo desenho.”¹⁸

¹⁶ Francisca Silva Resende Ferreira da Costa, “Arquitetura doméstica: Complexos de Habitação Coletiva um olhar sobre os edifícios de habitação coletiva de Álvaro Siza Vieira - em Portugal e na Europa”, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, 2020.

¹⁷ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume III, pp. 234, 2017.

¹⁸ Álvaro Siza, “Imaginar a evidência”, p. 107, 2000.



Figura 2.3; Casa-pátio e alçado em banda¹⁹.

O projeto da Malagueira foi complexo, com bastantes dificuldades pelo caminho. Desde a falência de empreiteiros e o abandono do poder central, até à cedência da quinta da Malagueira, prevista para zona de lazer no bairro, que acabou por não ser integrada. Esta perda foi significativa, pois uma das preocupações do projeto era impedir que o bairro se transformasse num dormitório.

É um projeto inovador com características excecionais, como a conduta aérea responsável pelo transporte de infraestruturas, que acompanha todo o bairro e criando uma relação muito forte com o aqueduto quinhentista. Apresenta uma massa homogénea, reproduzindo o modelo de pátio interior, com lojas que abrem para as arcadas. O projeto tem assim uma relação com a arquitetura do centro histórico, não obstante de formas modernistas e puras.

¹⁹ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

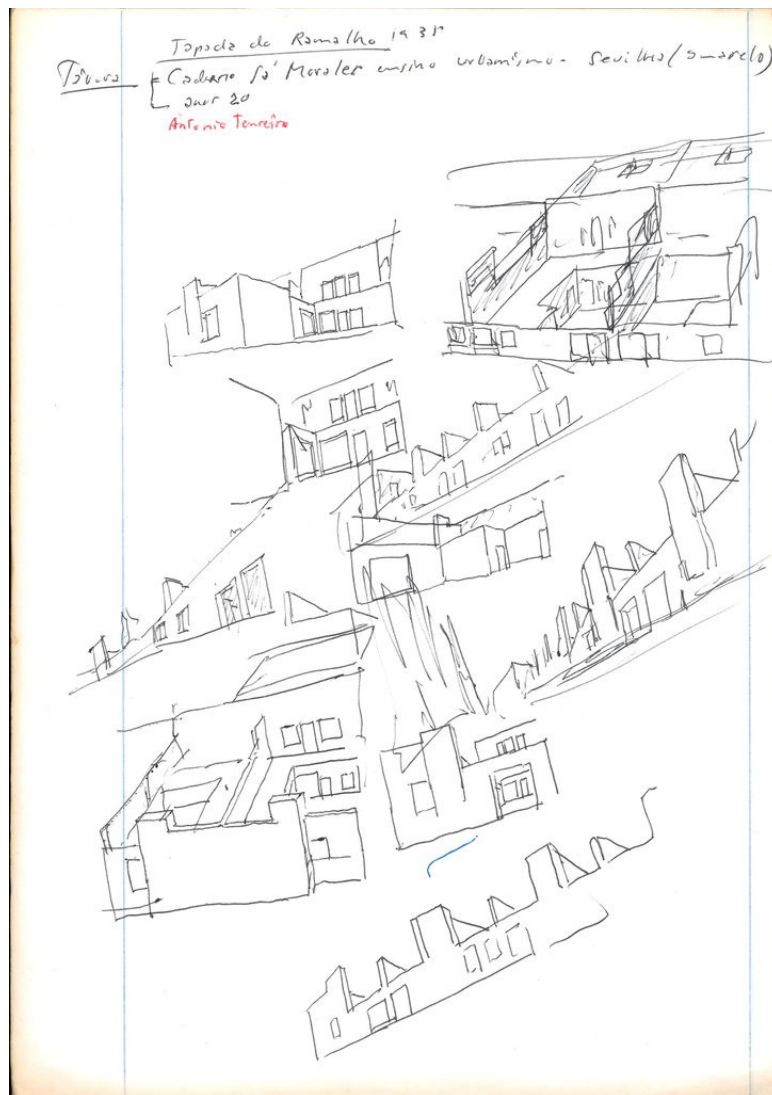


Figura 2.4; Casa-pátio e alçado em banda²⁰.

Durante a execução do projeto o arquiteto foi-se encontrando frequentemente com os moradores, as cooperativas e a Câmara, reformulando em alguns casos as soluções iniciais. O projeto foi um sucesso, por ser equilibrado, homogêneo e em harmonia com a paisagem. Permitiu construir habitação social a um custo reduzido, com uma qualidade arquitetónica indiscutível. O arquiteto contou com ajudas fundamentais das cooperativas de habitação, do arquiteto Nuno Ribeiro e do fotógrafo José Manuel Rodrigues.

²⁰ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

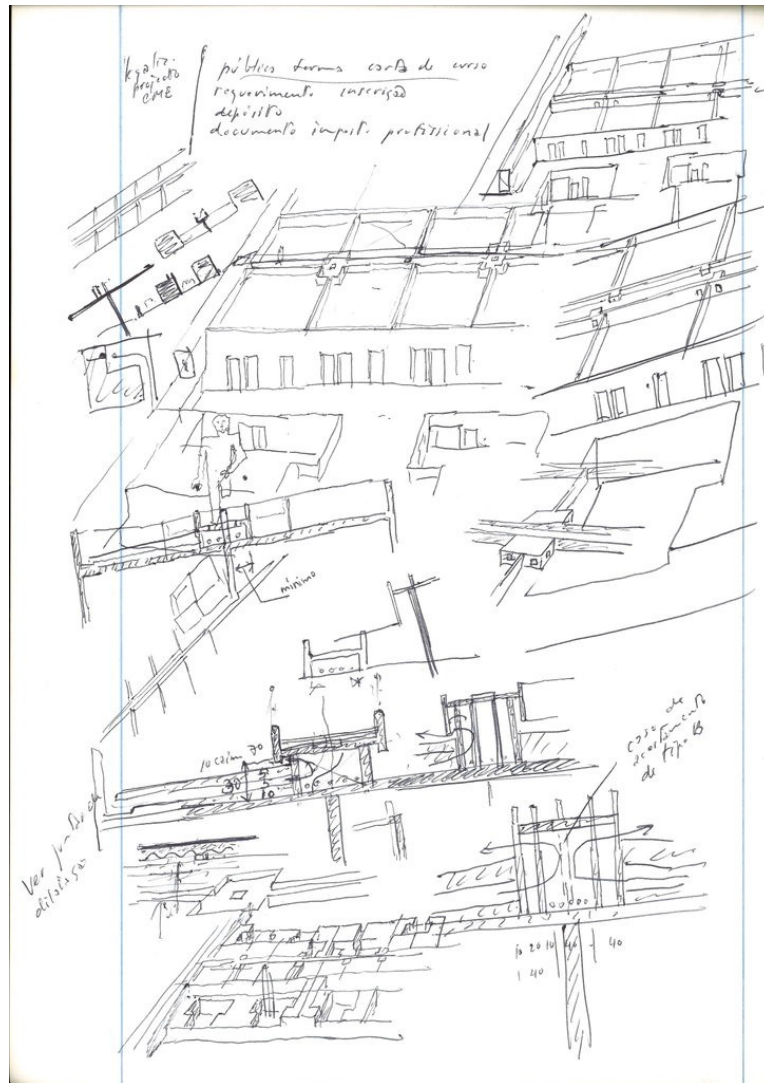


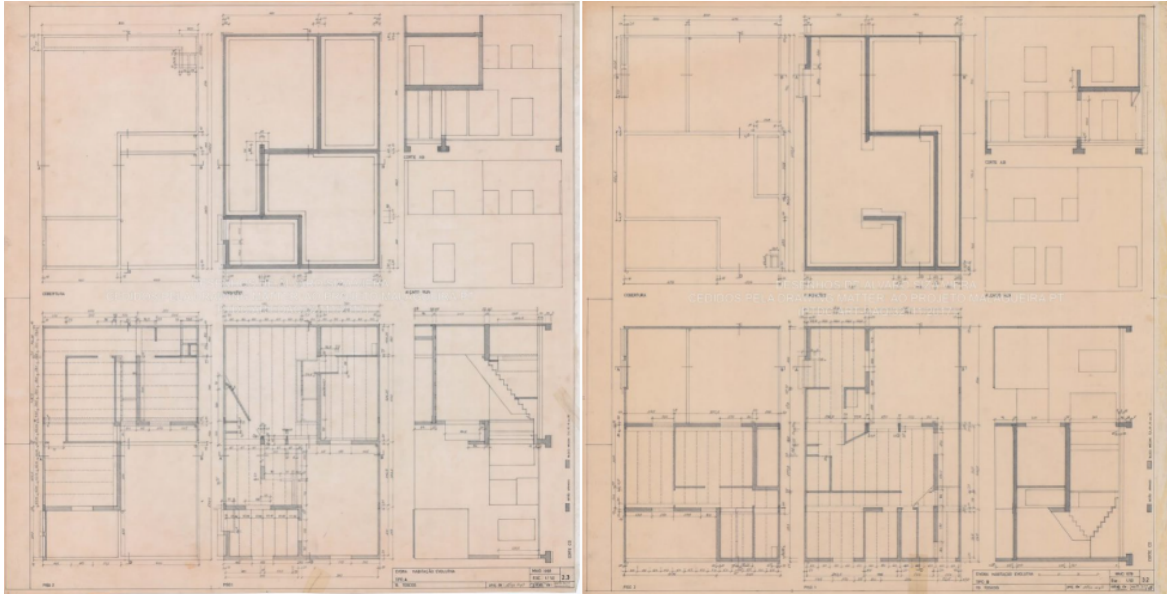
Figura 2.5; Relação da Conduto com as Casa-pátio²¹.

Álvaro Siza recebeu dois prémios prestigiados pelo projeto da Malagueira: o AICA/82 – prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte, Secção Portuguesa e o “Prince of Wales Award” da Universidade de Harvard.

Os 1 200 fogos do bairro da Malagueira foram divididos estrategicamente da seguinte forma: 404 para a cooperativa de habitação, 100 fogos para a associação de moradores, 300 fogos para o FFH, 96 foram reservados para contratos de desenvolvimento e 300 foram destinados a lotes para iniciativas privadas²².

²¹ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

²² Francisca Silva Resende Ferreira da Costa, “Arquitetura doméstica: Complexos de Habitação Coletiva um olhar sobre os edifícios de habitação coletiva de Álvaro Siza Vieira - em Portugal e na Europa”, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, 2020.



*Figura 2.6; Projeto da tipologia A à esquerda e da tipologia B à direita*²³.

Entre 1980 e 1985 foi construída a maior parte da componente residencial da Malagueira e a construção da conduta estava terminada. Em 1980 o FFH construiu nos setores norte e oeste, principalmente casas da tipologia A com pátio à frente, mas também algumas do tipo B com pátio atrás. A partir 1981 começou a ser construída a segunda fase de habitações no setor sul e norte com casas de Tipologia C²⁴, uma versão simplificada da tipologia A. Em 1985 a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu nos setores norte e sul casas de tipologia C, variando entre T2 a T5. Nesta fase ainda foram desenvolvidos os projetos para a «Broadway 2» e o Aparthotel.

Entre 1986 e 1988 foram construídos pela Cooperativa da Boa Vontade fogos do tipo D no sector sul do bairro, uma tipologia com pátio à frente.

Em 1988 foi desenvolvida uma tipologia que não insere na lógica A ou B, denominada por José Pinto Duarte por tipologia X²⁵. É a única tipologia projetada na avenida do Duque no eixo norte-sul.

Neste período a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu casas do tipo D no setor oeste e norte.

Em 1993 foram desenvolvidas as tipologias do tipo Y, na zona nordeste do bairro, não relacionada com as tipologias base. Esta tipologia encontra-se apenas num quarteirão, englobando as ruas da Quinta e Fernando Namora, fazendo a transição entre a quinta da Malagueira e o sector norte do bairro da Malagueira.

²³ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DORU, projeto de Álvaro Siza, 1977.

²⁴ José Pinto Duarte, “Customizing Mass Housing: A Discursive Grammar for Siza’s Malagueira Houses”, p.98, 2001.

²⁵ José Pinto Duarte, “Customizing Mass Housing: A Discursive Grammar for Siza’s Malagueira Houses”, p.98, 2001.

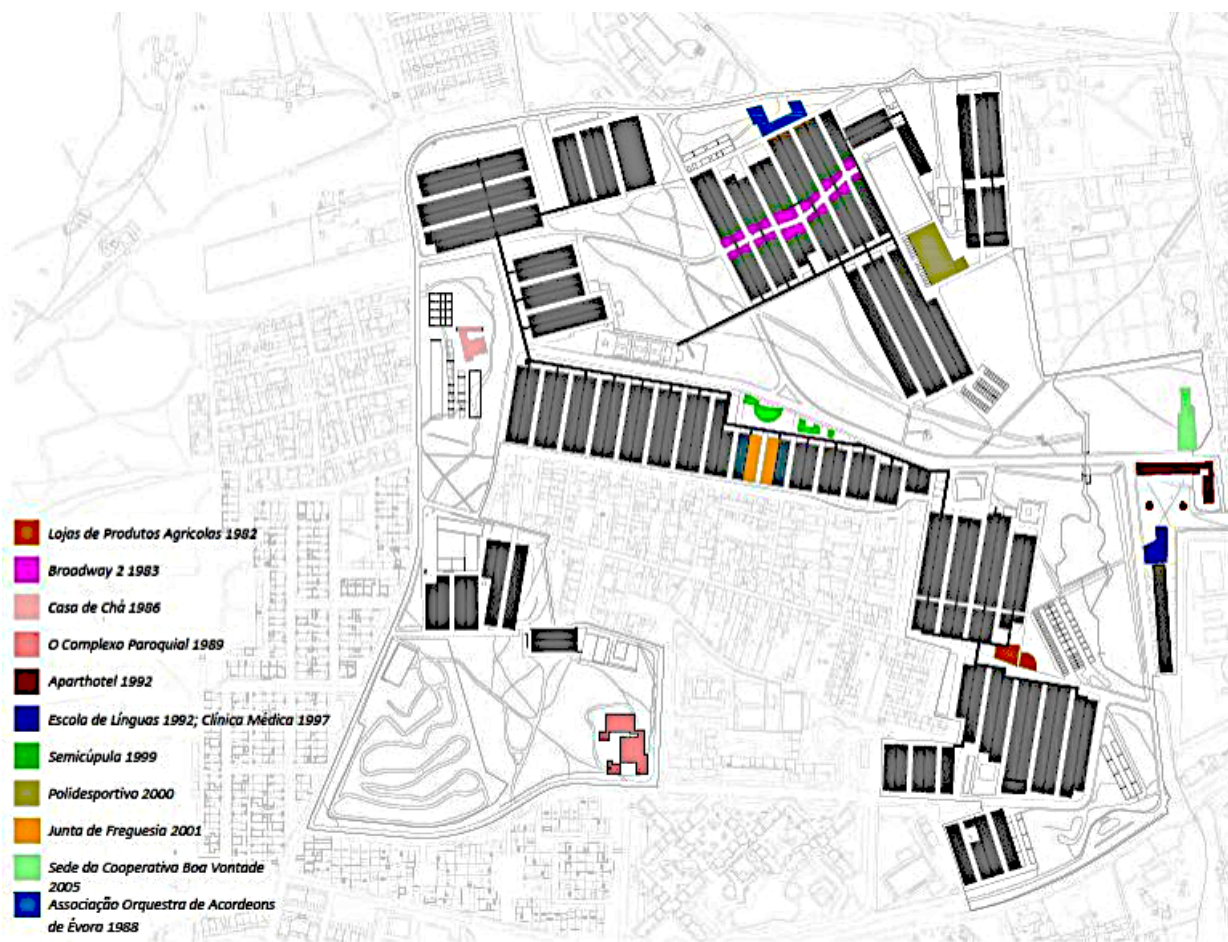


Figura 2.7; Planta da Malagueira. Identificação dos equipamentos não construídos.

Em 1994 foram projetadas umas tipologias T4, que seriam implantadas no lote onde também foi projetado a Casa de Chá, mas nunca chegaram a ser construídas.

A partir de 1994 as construções das habitações foram executadas a um ritmo mais lento. Em 1996 a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu os últimos fogos de tipologia D nos setores norte e oeste do bairro. Nesta fase Nuno Ribeira Lopes já não acompanhava as obras a tempo inteiro e transitou para a CME como gestor do gabinete de obras.

Existe ainda outra tipologia, que não foi projetada por Álvaro Siza, construída entre 1997 e 1998, implantada no setor norte, junto às piscinas públicas de Évora.

A obra encontra-se inacabada. Tem uma série de edifícios públicos e módulos de habitação, encomendados e projetados, que nunca chegaram a ser construídos.

A maior parte dos projetos não construídos são equipamentos. O plano de Siza de construir uma segunda cidade na Malagueira não foi por isso concretizado. Os equipamentos em falta, que se descrevem detalhadamente no próximo capítulo, são essenciais para atingir este objetivo e a sua

ausência facilita ainda o abandono e a degradação do espaço público, como é o caso do estado atual do Jardim dos Socalcos e da Horta da Nora, figura 2.8.

Foram também desenvolvidos dez projetos que nunca chegaram a ser construídos, representados na planta da figura 2.7: a Sede da Cooperativa da Boa Vontade (1977), a Broadway 2 (1983), um Aparthotel (1983), o Complexo Paroquial(1988), a Casa de Chá (1992), a Escola de Línguas (1992), a Clínica Médica (1997), a Semicúpula e Cafetaria (1999), a extensão da Junta de Freguesia (2001) e um edifício para a Associação Orquestra de Acordéons de Évora (2008).

“A Malagueira no final não conseguiu ser cidade; continua a ser um bairro periférico. Faltam os equipamentos que lhe dariam dimensão urbana. O problema maior, é o problema da excessiva centralidade de algumas zonas do centro histórico.”²⁶



Figura 2.8; Jardim dos Socalcos à esquerda e Horta da Nora à direita.

Este trabalho de tese vai incidir nos edifícios públicos não construídos, no seu papel fundamental na identidade do bairro, como potenciadores da atividade económica, agentes de combate ao fenómeno de gentrificação do centro histórico de Évora, e essenciais para permitir que o bairro da Malagueira possa vir a ser classificado como património Mundial da Unesco.

²⁶ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume III, pp. 234, 2017.

CAPÍTULO 3 - Os equipamentos não construídos

Este capítulo descreve os equipamentos não construídos. No caso de Semicúpula e Cafetaria, bem como da Junta de Freguesia, uma descrição mais detalhada é apresentada no capítulo seguinte.

3.1 Sede da Cooperativa Boa Vontade (1977-2005)

O projeto deste equipamento teve início em 1977 estendendo-se até 2005.

Este projeto tem uma relação direta com o aparthotel, pois os dois fazem o “L” com uma das principais estradas de acesso ao bairro, com este gesto o arquiteto iria criar um portão de entrada chamativo que marcaria o início da Malagueira. A implantação acompanha o terreno criando um edifício dinâmico. As suas divisões variam de 1 a 2 pisos consoante a topografia, criando pátios pela forma de subtração. A sua fachada é resguardada para com o Bairro de S. Sebastião e o dos Três Picos, e aberta para a Malagueira.

O primeiro volume de dois pisos delimita o lado este, com 93 metros de comprimento e 10,5 metros de largura, dividido em módulos estruturais de 9 metros. A fachada deste volume é fechada para o bairro das Fontanas e abrir-se-ia para os jardins da Malagueira e para a Quinta da Malagueira.

O segundo volume encontra-se numa cota mais baixa, também encaixado no terreno, abria-se para uma piscina e apoiando-a com os seus balneários no interior do edifício. O alçado virado para o edifício é totalmente cego.

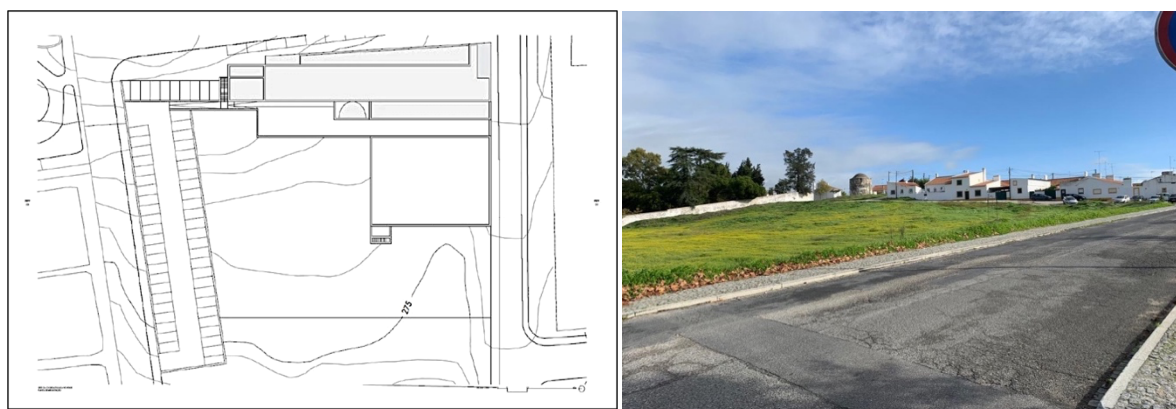


Figura 3.1; Planta ²⁷ da sede da Cooperativa da Boa Vontade e terreno previsto para a construção.

A sede teria dois pisos, tendo previsto uma ligação subterrânea com as piscinas. O acesso principal seria pelo piso superior que liga com a rua. O átrio teria 150 metros quadrados articulado com diferentes espaços públicos, e permitiria a distribuição para diferentes programas como vestiários, arrumos, instalações sanitárias, zonas administrativas e secretaria. Numa cota intermédia teria uma sala polivalente, que tirava partido da topografia para aumentar o pé direito. No piso 0 estaria uma cafetaria, os sanitários de apoio e a sala polivalente.

²⁷ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado, U. de Évora, Volume II, 2017.

3.2 Broadway 2 (1983)

Para além de toda a frente comercial que acompanha o eixo este-oeste e grande parte dos arruamentos sob a conduta, foi projetada uma outra rua comercial com o nome de “Broadway 2”, resultante de um caminho de pé posto existente na rua do Túnel, localizado na zona nordeste do bairro.

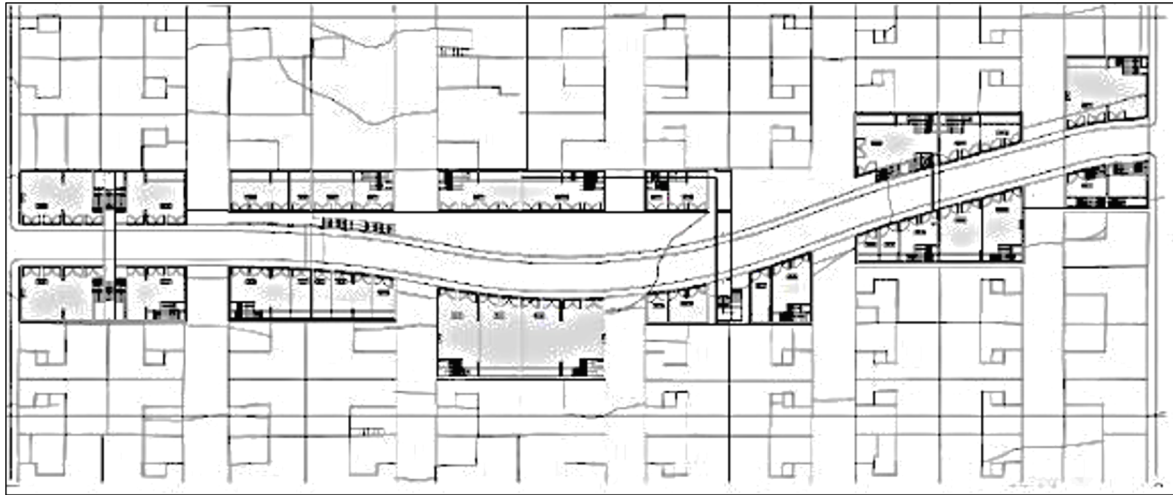


Figura 3.2; Planta Broadway 2²⁸.



Figura 3.3; Entrada Oeste da Broadway 2 à esquerda e vista do interior à direita.

²⁸ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume II, 2017.

3.3 Aparthotel (1983-1992)

A Cooperativa da Boa Vontade com o intuito de preencher a lacuna hoteleira em Évora, encomendou ao arquiteto um hotel de quatro estrelas. O projeto do edifício está implantado no eixo este-oeste adjacente ao terreno onde estaria prevista a sede da cooperativa. Este lote contém dois moinhos, que iriam ser integrados e recuperados no projeto.

Este projeto foi desenvolvido em duas fases, tendo a primeira tido início em 1983 e a segunda decorrido entre 1989 e 1992.

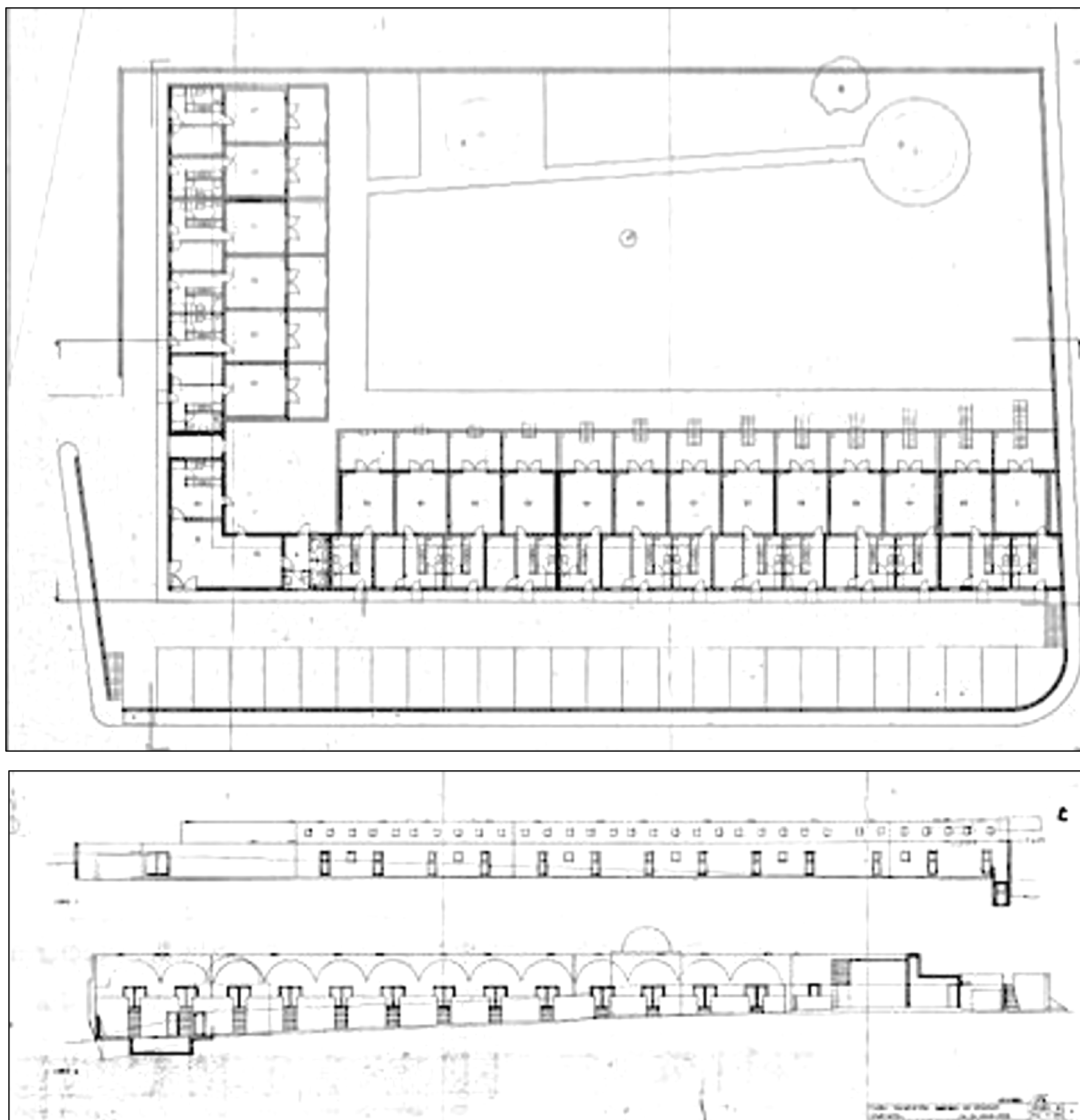


Figura 3.4; Planta e alçado do Aparthotel. ²⁹

²⁹ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1992.



Figura 3.5; Terreno previsto para a construção do Aparthotel.

Os apartamentos estão dispostos em banda formando um «L», elemento arquitetónico que marcaria uma das entradas do bairro. O desenho dos muros corresponde ao desenho das ruas, e o projeto cria um aterro para combater o desnível natural do terreno, gerando uma plataforma onde assentam os apartamentos e o estacionamento. Os apartamentos seriam T0, compostos por uma casa de banho e uma pequena cozinha com acesso ao exterior.

Durante a terceira fase da construção do bairro da Malagueira o projeto do Aparthotel sofreu modificações em relação ao de 1983. A volumetria mantém-se, enquanto o braço mais longo acabou por se encostar ao muro no limite poente do lote. Os 18 quartos de tipologia T0 mudaram, passando a ser 10 quartos de tipologia T0, 9 de tipologia T1. Um dos moinhos foi aproveitado passando a fazer parte da tipologia T1. O outro moinho seria transformado num bar, foi também adicionada uma piscina que ficaria na zona mais baixa do jardim, assim como um restaurante localizado junto ao auditório ao ar livre.

O edifício seria construído usando métodos tradicionais locais, em tijolo maciço, as paredes seriam em tijolo aparente, os pavimentos em tijoleira. Estes materiais criariam uma forte relação com o Jardim dos Socalcos.

3.4 O Complexo Paroquial (1988)

O projeto do Centro Paroquial S. João Bosco, encomendado pela Fábrica da Igreja da Nossa Senhora Auxiliadora (Fundação dos Salesianos), foi entregue em 1988 e aprovado em 1989.

A implantação seria num lugar estratégico no parque público da Malagueira, no cruzamento entre a rua da Cruz Picada com a rua de Marcos Condeço, numa área de cerca de 3 000 metros quadrados, numa zona que faz fronteira entre os bairros da Cruz Picada, Santa Maria e da Malagueira.

O programa seria a igreja paroquial e anexos, como sacrista, cartório, arquivo, salas de reuniões, centro infantil, centro da Caritas, centro de idosos, residência paroquial e catequese. Todo o programa está distribuído em dois pisos à exceção da igreja.

A arquitetura do complexo reflete o seu programa, a implantação relaciona-se com a Malagueira e os bairros com que faz fronteira, criando assim uma relação com a envolvente e também com o centro histórico.

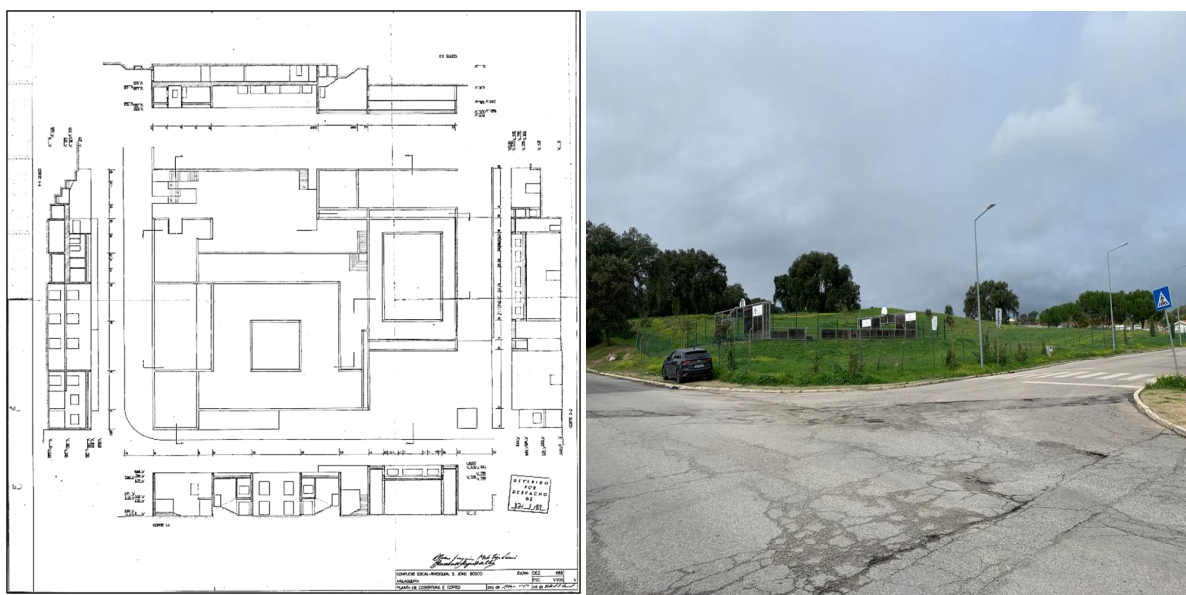


Figura 3.6; Projeto³⁰ e local de implantação do complexo paroquial.

³⁰ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1988.

3.5 Casa de Chá (1992)

O projeto Casa de Chá partiu de uma iniciativa da CME, com o intuito de construir um equipamento de restauração de alta qualidade no bairro da Malagueira.

A implantação seria no promontório da Malagueira, local aonde se observa todo o bairro e o centro histórico. É o limite do bairro e faz fronteira com o bairro das Fontanas.

O interior do salão teria capacidade para 80 pessoas sentadas, estando dividido em quatro espaços diferentes, uma esplanada no piso térreo com 28 lugares e um terraço com mais 100.

O edifício seria construído em betão armado, as paredes interiores em tijolo vazado com barramento em estuque, os pavimentos em tijolo cerâmico, os espaços de águas conteriam lambris de azulejo com dois metros de altura, os vãos interiores e exteriores seriam em madeira esmaltada, os envidraçados exteriores seriam duplos. O edifício teria um isolamento térmico na cobertura com placas de PVC e poliestireno extrudido, as paredes exteriores seriam em sistema capotto.

Este projeto foi entregue em 1992 e aprovado em 1996, em 1996 a CME suspendeu o contrato relativo a este projeto. O projeto ainda está na posse da CME e aguarda o interesse da iniciativa privada para ser executado.



Figura 3.7; Planta.³¹ e local de implantação da Casa de Chá.

³¹ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Volume II, 2017.

3.6 Escola de Línguas (1992)

O projeto da Escola de Línguas foi executado em 1992, com origem numa iniciativa privada, a cargo da Cooperativa Giraldo Sem Pavor. Implantado na avenida do Dique (eixo norte-sul), anexo no topo norte da banda habitacional.

O edifício seria em «L», o braço mais curto é contíguo à fachada lateral da habitação existente, o braço mais longo estabelece uma forte relação com os moinhos e liberta-se do solo, criando uma permeabilidade e fazendo a ligação com o «Casão» (supermercado local).

O edifício alberga um bar, um auditório, duas salas administrativas e uma sala de professores no piso térreo. No piso superior teria cinco salas de aulas e as instalações sanitárias. O piso 0 teria um pé-direito de 3 metros, enquanto a altura do piso superior a altura varia entre 3,75 e 2,3 metros.



Figura 3.8; Planta da Escola de Línguas³².

³² Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume II, 2017.

3.7 Clínica Médica (1997)

A Clínica Médica foi encomendada pela Cooperativa Giraldo Sem pavor e o projeto foi desenvolvido entre março e junho de 1997.

O projeto está implantado onde seria a Escola de Línguas, foi solicitado um novo projeto com a substituição do programa. A volumetria do projeto é praticamente idêntica, sendo a sua maior diferença na verticalidade, em que um volume que se encontrava elevado, está agora assente no chão, com dois pisos, e que para além da entrada principal tem mais uma ao nível superior, através de um vão de escadas exterior³³.

Comparando as plantas dos projetos da Escola de Línguas e da Clínica Médica, conclui-se que os programas são idênticos, sendo as salas de aulas substituídas por células mais pequenas, onde seriam localizados os consultórios.



Figura 3.9; Planta da Clínica Médica³⁴ e terreno previsto inicialmente para a construção da Escola de Línguas e posteriormente para a Clínica Médica.

³³ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume II, 2017.

³⁴ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 1997.

3.8 Semicúpula e cafeteria (1999)

A semicúpula está localizada na Praça Zeca Afonso, com a sua abertura virada para um enorme espaço verde. Seria elevada cerca de 3m do chão com uma galeria recorável. O acesso é feito por umas escadas exteriores na fachada da Cafeteria ou por uma mais a sul no final da plataforma.

A Cafeteria está anexada pelo lado Oeste da Cúpula. O piso térreo tem mesas e um balcão de atendimento, o piso inferior alberga casas de banho e balneários para os funcionários e a cobertura é percorável, servindo de acesso à galeria da Cúpula.

A Cafeteria tem dois pisos. No piso térreo tem o espaço de cafeteria, zona de serviço, cozinha, copa e dispensa. Na cave estão os sanitários, armazém e o vestiário para os funcionários.

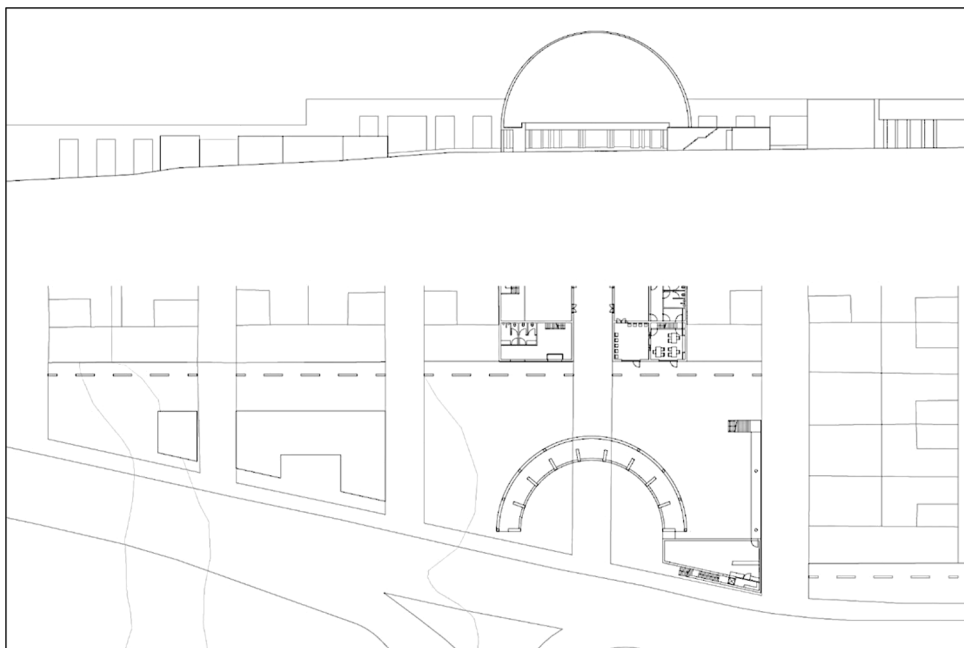


Figura 3.10; Alçado e planta da Semicúpula e da Cafeteria.



Figura 3.11; A Semicúpula e a Cafeteria serão implantadas entre os pilaretes à entrada da rua das Lojas.

3.9 Junta de Freguesia (2001)

A Junta de Freguesia situa-se num local estratégico. A fachada norte dá para a Praça Zeca Afonso, o edifício localiza-se na rua que liga a praça com o bairro de Santa Maria, designada como rua das Lojas.

O projeto de Siza consiste na ampliação do atual edifício da junta de freguesia em direção à rua das Lojas e na criação de um novo corpo no seu limite sul, que incluirá um auditório. Estes dois corpos têm dois pisos com diferentes programas, o edifício mais a sul tem uma cave. No vazio entre os dois blocos surge um pátio, esse pátio e os blocos estão ligados numa só peça, através de uma passarela no piso superior, que une as varandas dos diferentes conjuntos.

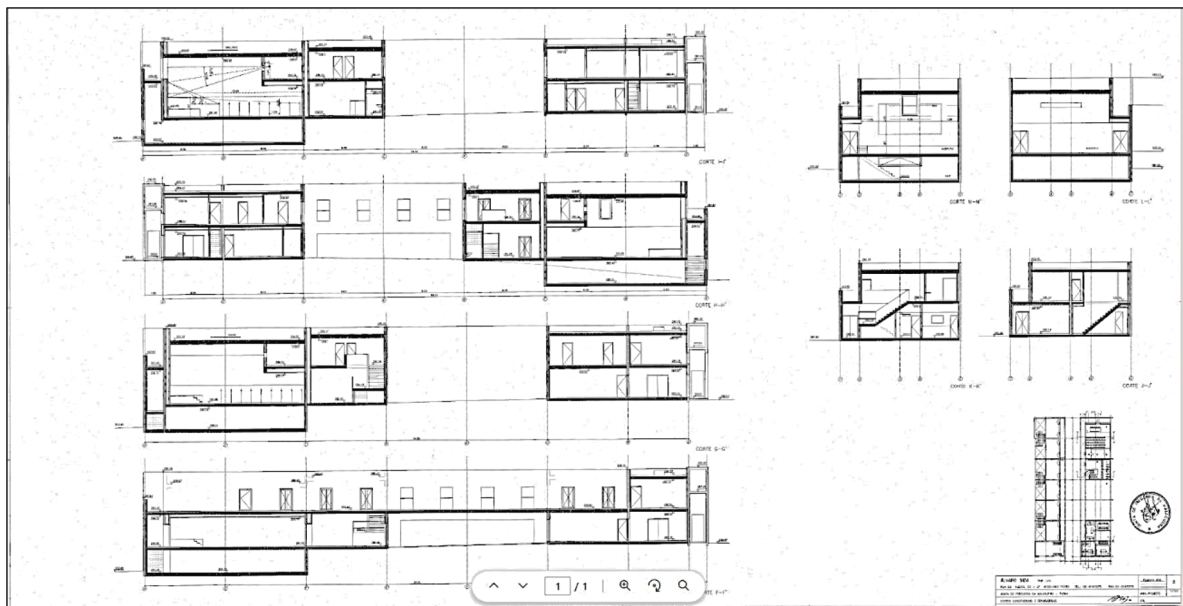


Figura 3.12; Projeto do edifício da Junta de Freguesia ³⁵. A planta é apresentada no capítulo 4.



Figura 3.13; Edifício da Junta de Freguesia.

³⁵ Arquivo da Câmara Municipal de Évora DGU, projeto de Álvaro Siza, 2001.

3.10 Associação Orquestra de Acordeons de Évora (2008)

A escola de música estaria localizada na avenida da Malagueira, num campo de terra batida, onde se construíram garagens no limite este. Este edifício, apesar de não ter sido construído, era num ponto estratégico, que marcava o limite norte da Malagueira. A tipologia seria em forma de pátio, com dois volumes distintos, um com um auditório e outro com as salas administrativas e salas de aula, ligados por programas públicos como cafetaria e casas de banho.



Figura 3.14; Planta da escola de música e terreno previsto para a construção.

“Esta terá sido talvez a obra mais premiada e, em simultâneo, mais criticada de Álvaro Siza. No entanto, para além dos vários equipamentos que integram o plano, ficaram ainda por construir diversos edifícios de uso coletivo, fundamentais para a total coerência do conjunto”.³⁶

³⁶ Michel Toussaint e Marta Sequeira, “Álvaro Siza – Projetos construídos”, p. 222, 2018.

CAPÍTULO 4 - A Proposta

4.1 Reflexão sobre a Malagueira

A Malagueira foi projetada para integrar a cidade de Évora, como extensão do tecido urbano.

Como referido anteriormente, foram projetados diversos equipamentos públicos, que juntamente com a conduta e a malha residencial, ampliariam a cidade para fora das muralhas, dispersando a atividade administrativa e comercial para lá do centro histórico.

“Cidade: detritos da história e da geografia que o homem transforma, destrói, inova, evoca, retoma”³⁷

O projeto do Arquiteto Álvaro Siza tem uma relação muito forte com o centro histórico. A conduta aérea, que transporta para o bairro instalações como luz, gás e eletricidade, relaciona-se com o aqueduto quinhentista, seja pelo gesto criado na sua elevação, seja na forma como se liga, e se relaciona, com as habitações. Tal como sucede com o aqueduto no centro histórico, a Malagueira desenvolve-se em torno da conduta e depende da sua funcionalidade para sobreviver.

A intenção atrás descrita é bem ilustrada nos esquissos da figura 4.1. Em cima à esquerda está representada a forma como a conduta (em alçado) divide o espaço público do residencial, e com as suas arcadas, semelhantes às do centro histórico, cria espaços para comércios e portas que dão acesso às ruas das habitações (figura 4.2). O esquisso no lado direita da figura 4.1, ilustra como a conduta permite uma distribuição eficaz das infraestruturas pelas habitações em banda. Na esquerda em baixo, a figura 4.1 representa a relação do Bairro da Malagueira com o centro histórico (em cima) e com o Bairro de Santa Maria (em baixo), assim como os dois eixos reguladores, o eixo este-oeste que liga com o centro histórico, e que cruza com o eixo norte-sul, entre a Quinta Malagueira e a estrada principal que acede a Lisboa.

A Malagueira tem todas as qualidades necessários para fazer parte da cidade de Évora, não como um bairro periférico, onde se combatem os problemas de falta de habitação, mas sim como um novo centro urbano, capaz de fornecer serviços administrativos, espaços públicos e ofertas comerciais de qualidade. Nunca destrói a leitura da cidade antiga e a sua cultura, pelo contrário, usa o centro histórico como referência, respeitando a sua posição proeminente e o seu valor simbólico.

“A Malagueira não é já um dormitório, embora faltem ainda os equipamentos previstos nos vazios de um tenso tecido habitado.”³⁸

³⁷ Álvaro Siza, “Textos 02”, pp.26, 2018.

³⁸ Álvaro Siza, “Textos 02”, pp.164, 2018.

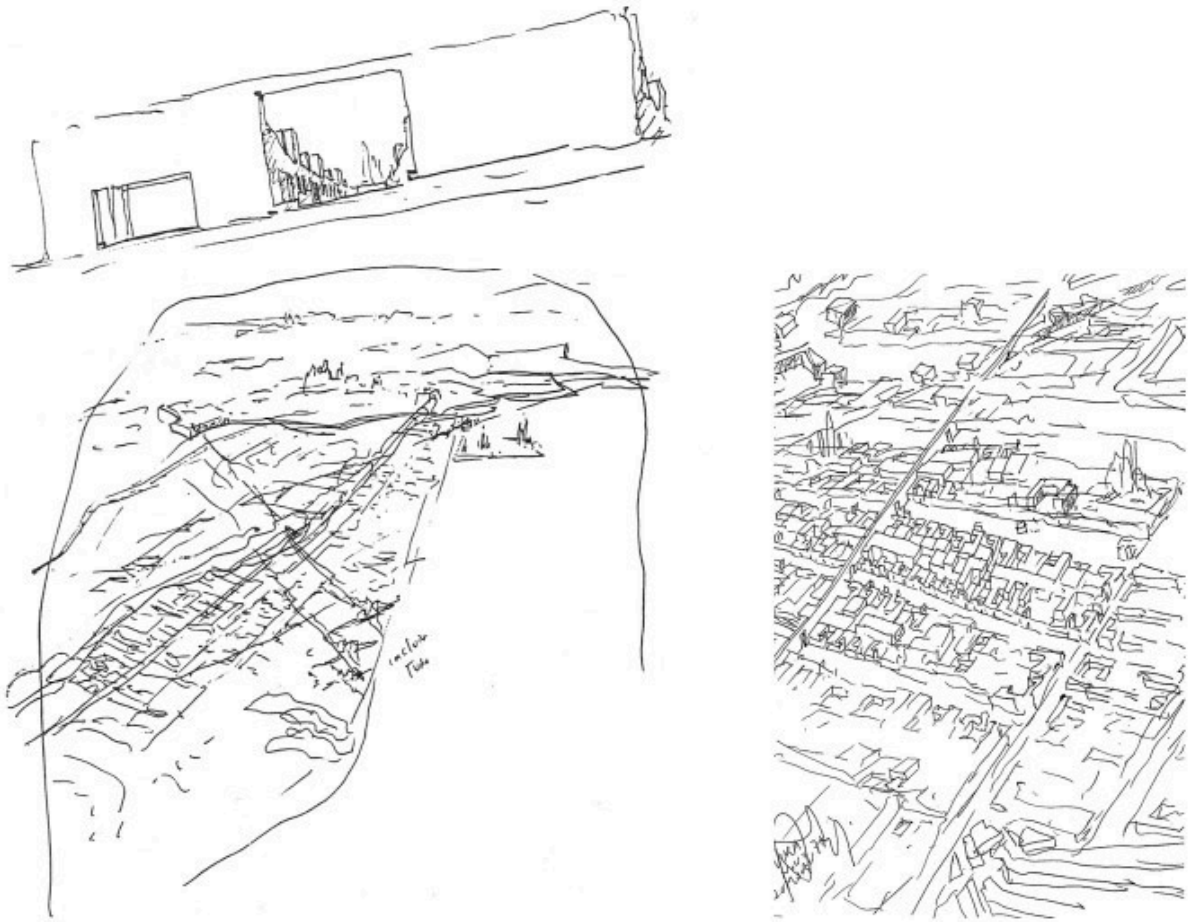


Figura 4.1; Estudos da proposta de extensão da cidade e do tecido urbano. ³⁹

Todos os equipamentos públicos projetados e não construídos, analisados neste trabalho, seriam essenciais para promover o desenvolvimento da identidade deste bairro, e a dispersão da atividade do centro histórico. Como afirma Álvaro Siza, “A maior preocupação será, no entanto, o estudo dos espaços públicos, sobretudo os sistemas de percursos que possibilitem a comunicação entre vários grupos até aí isolados.”⁴⁰

“Finalmente é impensável concluir a Malagueira sem lhe dar a centralidade projetada – a Semicúpula, o que uniria todos os segmentos da população dignificando e projetando o território para o exterior estabelecendo o diálogo indispensável às diversas áreas de uma mesma Região, sobretudo criaria uma interface entre os bairros novos da arquitetura contemporânea e o centro medieval.”⁴¹

³⁹ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

⁴⁰ Luiz Trigueiros et al., “Álvaro Siza 1954-1976”, p.39, Editorial Blau, 1997.

⁴¹ Mário José Afonso Gomes, “Bairro da Malagueira de Siza Vieira”, p.540, 2016.



Figura 4.2; Praça do Giraldo e praça Zeca Afonso.

O projeto da Semicúpula juntamente com o projeto de expansão da Junta de Freguesia na rua das Lojas, são os equipamentos não construídos de maior relevância para tornar o bairro da Malagueira num polo importante da cidade. A sua centralidade geográfica em relação ao bairro, uma vez que estão projetados para serem implantados na praça Zeca Afonso, a relação que esta praça estabelece entre o edificado e o espaço verde central, e ainda o papel da rua das Lojas, na ligação da praça Zeca Afonso com o Bairro de Santa Maria, são os fatores que tornam estes dois projetos fundamentais na articulação do espaço público e na criação de um centro social no bairro.

“A arquitetura não termina em ponto algum, vai do objeto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza.”⁴²

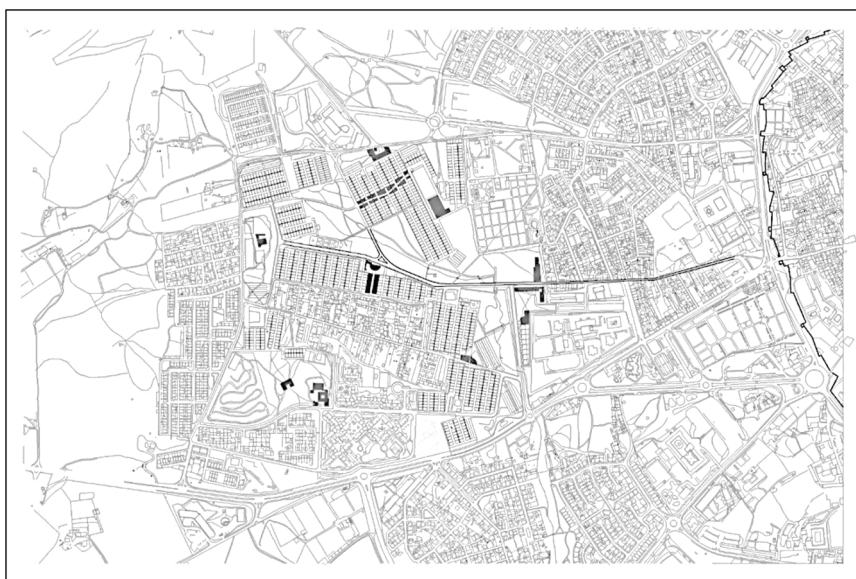


Figura 4.3; Implantação, com a semicúpula, o edifício da junta de freguesia e o novo edifício que proponho assinalados.

Com a análise dos esboços do Arquiteto e do plano de pormenor do Bairro da Malagueira, é possível observar que a semicúpula surgiu quase no início do trabalho, sendo um elemento central no projeto da Malagueira. Localiza-se na praça Zeca Afonso, num ponto estratégico de união dos

⁴² Álvaro Siza; “Imaginar a Evidência”, pp.34 e 35, 2012.

complexos de habitação do bairro com um espaço verde de enorme valor articulado. É o local escolhido para a minha proposta.

Proponho a construção da Semicúpula e da Cafeteria, a ampliação e remodelação da Junta de Freguesia, como projetados pelo Arquiteto Álvaro Siza. Proponho ainda a construção de um novo edifício, simétrico à Junta de Freguesia relativamente à rua das Lojas. A construção da cúpula é uma hipótese atualmente em análise pela CME, pelos moradores do bairro e outras entidades.

A figura 4.4 apresenta as plantas da Semicúpula e Cafeteria na Praça Zeca Afonso, e Junta de Freguesia na Rua das Lojas. Encontra-se realçada a proposta do Arquiteto para o edifício Junta de Freguesia, o edifício à direita representa a única informação que encontrei, apesar de intensa pesquisa realizada sobre o projeto para este espaço. O edifício nunca é mencionado nas memórias descritivas, nem encontro plantas do mesmo, aparece unicamente na legenda dos desenhos que indicam as linhas de corte do projeto da Junta de Freguesia, ver figura 3.12, que apresento ampliada na figura 4.5.

Figura 4.4; *Plantas da Semicúpula, Cafeteria e Junta de Freguesia.*

Tudo o que tenha sido projetado pelo Arquiteto Álvaro Siza, será mantido, incluindo todos os materiais da Semicúpula, Cafeteria e Junta de Freguesia.

As partes do projeto em que só esteja proposta uma volumetria, como é o caso do novo edifício aqui proposto, são reinterpretadas e a sua execução realizar-se-á com técnicas e materiais atuais, com vista à sustentabilidade da construção.

36

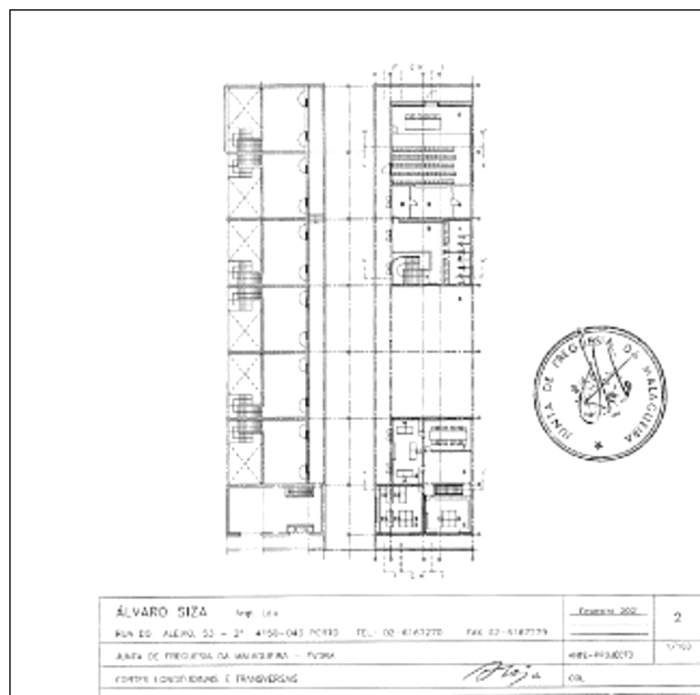


Figura 4.5; Ampliação da legenda da figura 3.12. Edifício da Junta de Freguesia à direita.⁴³

As figuras 4.6 a 4.9 apresentam fotografias da maquete do conjunto para a zona de intervenção.



Figura 4.6; Fotografia da maquete da zona de intervenção. Vista da praça Zeca Afonso, com Semicúpula e Cafetaria. A linha a ponteadado indica o limite da praça Zeca Afonso.

⁴³ Arquivo Câmara Municipal de Évora DORU, projeto de Álvaro Siza, 2001.

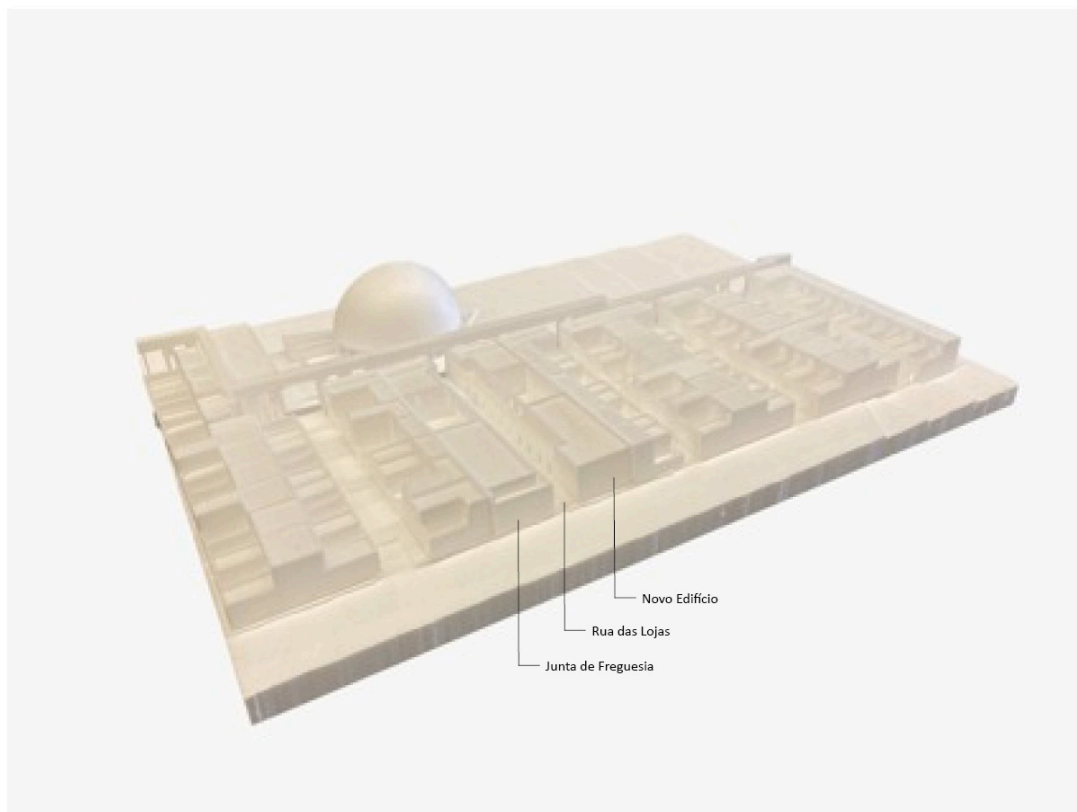


Figura 4.7; Fotografia da maquete da zona de intervenção. Vista da rua das Lojas.

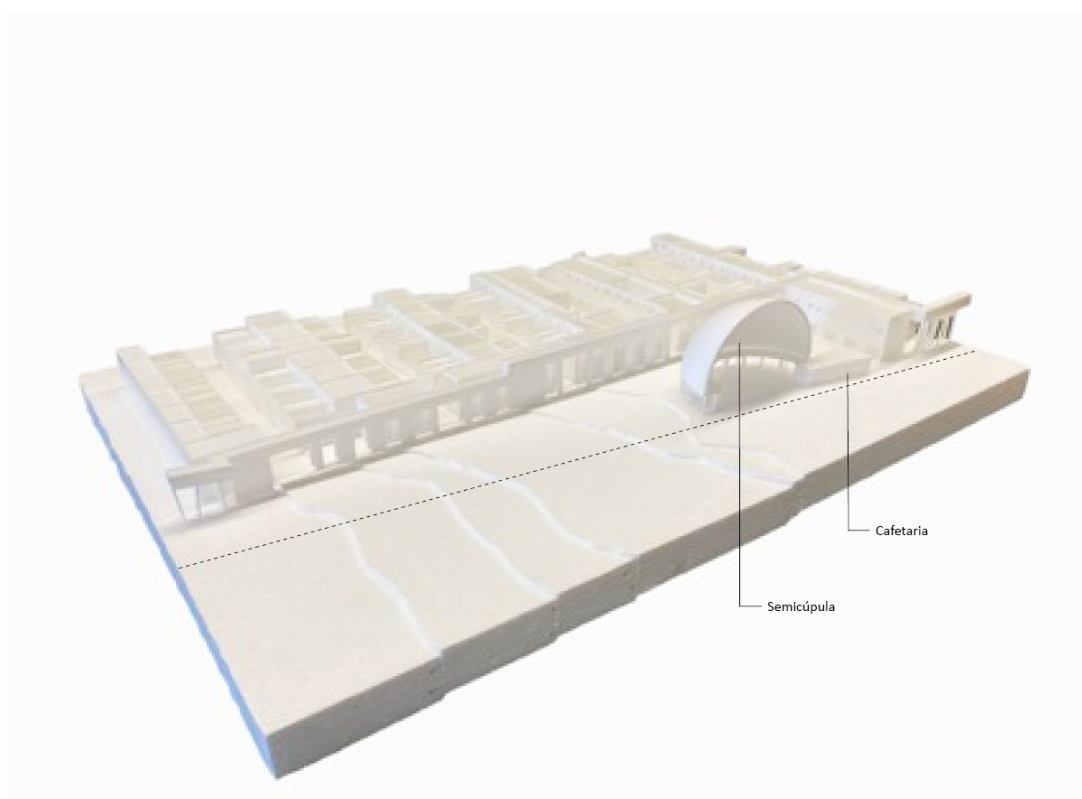


Figura 4.8; Fotografia da maquete da zona de intervenção. A linha a ponteadado indica o limite da praça Zeca Afonso.

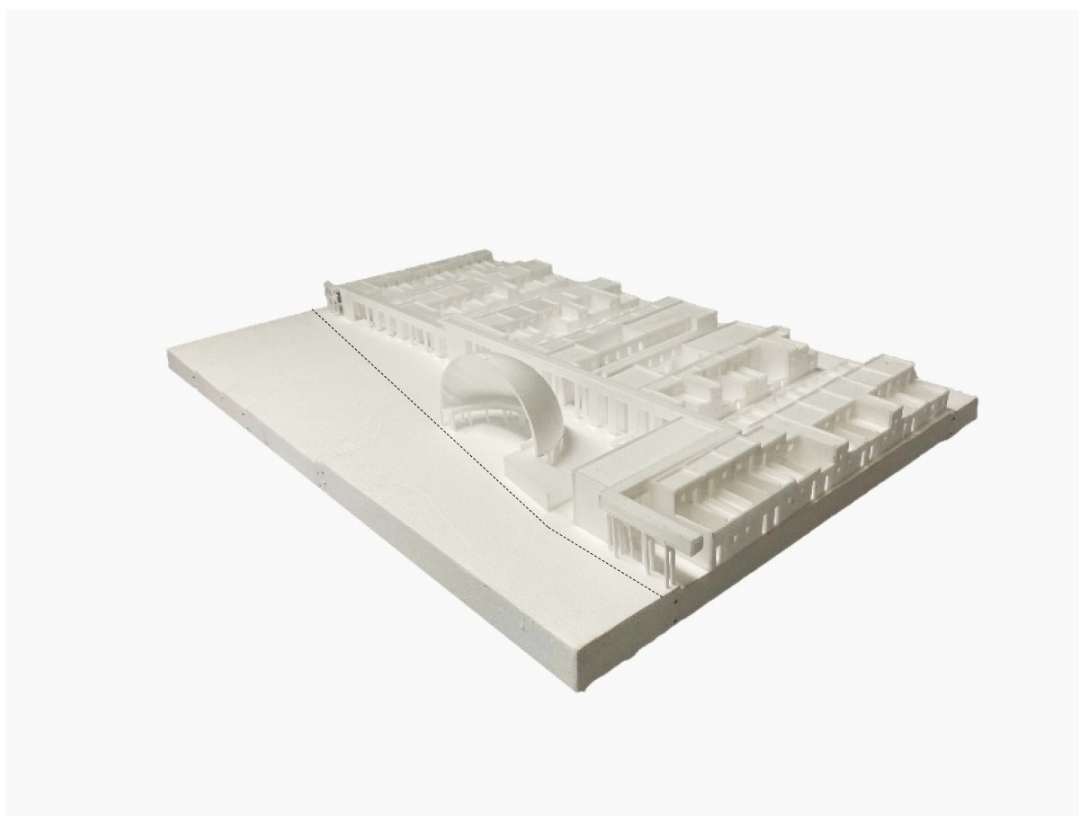


Figura 4.9; *Fotografia da maquete da zona de intervenção*. A linha a ponteadado indica o limite da praça Zeca Afonso.

4.2 Semicúpula e Cafetaria

A inspiração para este elemento surgiu numa viagem de Siza a Itália, onde visitou obras com um forte valor arquitetónico e patrimonial. Numa conversa com o público, o arquiteto revelou que Pompeia e a vila Adriana foram inspirações para este trabalho.⁴⁴

O processo de criação passou por várias fases, inicialmente a semicúpula encontrava-se fechada por um frontão triangular que se agarraria à conduta, e o topo seria acessível através de umas escadas, como se representa na figura 4.10.

⁴⁴ Galhardo dos Santos, “A Malagueira como nunca foi”, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora, Volume III; p. 88, 2017.

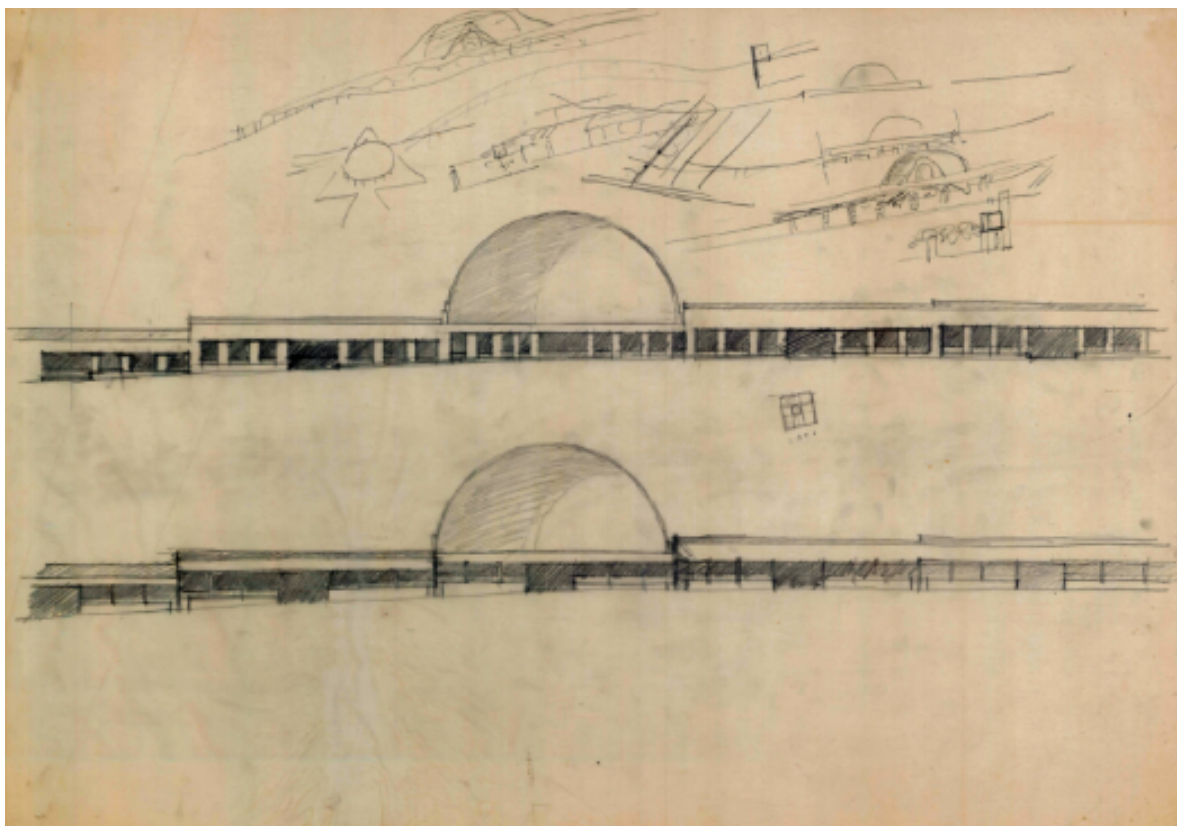


Figura 4.10; Proposta inicial com ligação da Conduto com a Semicúpula⁴⁵.

Posteriormente o projeto evoluiu, removendo o muro triangular estabelecendo uma relação intensa com os jardins e os quarteirões habitacionais a norte. A cúpula afasta-se da conduta e do conjunto habitacional, afirmando-se como uma peça autónoma primária do bairro. Esta encontra-se elevada do terreno, suportada por pilares, criando uma transparência visual com os jardins e o bairro, diminuindo a sua pegada e criando um espaço permeável, figura 4.11.

Em 1999 a semicúpula é apoiada por pilares e paredes cortantes e na parte superior tem uma galeria que nasce da cafeteria adjacente. Os pilares seriam circulares com 0,45m de diâmetro, as paredes têm 1,75m de comprimento e 0,45m de largura. A fundação é um meio anel constituído por uma sapata e lintéis circulares, figura 4.12.

Construtivamente a cafeteria e a semicúpula seriam em betão branco aparente, mantendo a forte relação com o bairro, a parte exterior da cúpula seria revestida em azulejo azul-turquesa, dando-lhe um carácter de elemento primário, na galeria estava previsto um lambril em azulejo com 1,5 metros de altura.

⁴⁵ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

“Todos os elementos estruturais serão em betão armado branco aparente. A parte convexa da cúpula será toda revestida em azulejo azul turquesa, ao nível da galeria prevê-se um lambril de azulejo até 1,5m de altura.”⁴⁶

Devido aos esforços de flexão, a espessura da Semicúpula varia entre 40 e 20 centímetros até ao topo.

“A cúpula tem uma estrutura espacial “conveniente discreteada”, com uma espessura que varia entre os 40 cm na base até 20 cm no topo.”⁴⁷



Figura 4.11; Semicúpula proposta final, Caderno de desenhos⁴⁸.

⁴⁶ Estudo prévio da Cúpula e equipamentos na Praça Zeca Afonso, Malagueira, Évora, 1999. Consultado no Arquivo Câmara Municipal de Évora DGU.

⁴⁷ Estudo prévio da Cúpula e equipamentos na Praça Zeca Afonso, Malagueira, Évora, 1999. Consultado no Arquivo Câmara Municipal de Évora DGU.

⁴⁸ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

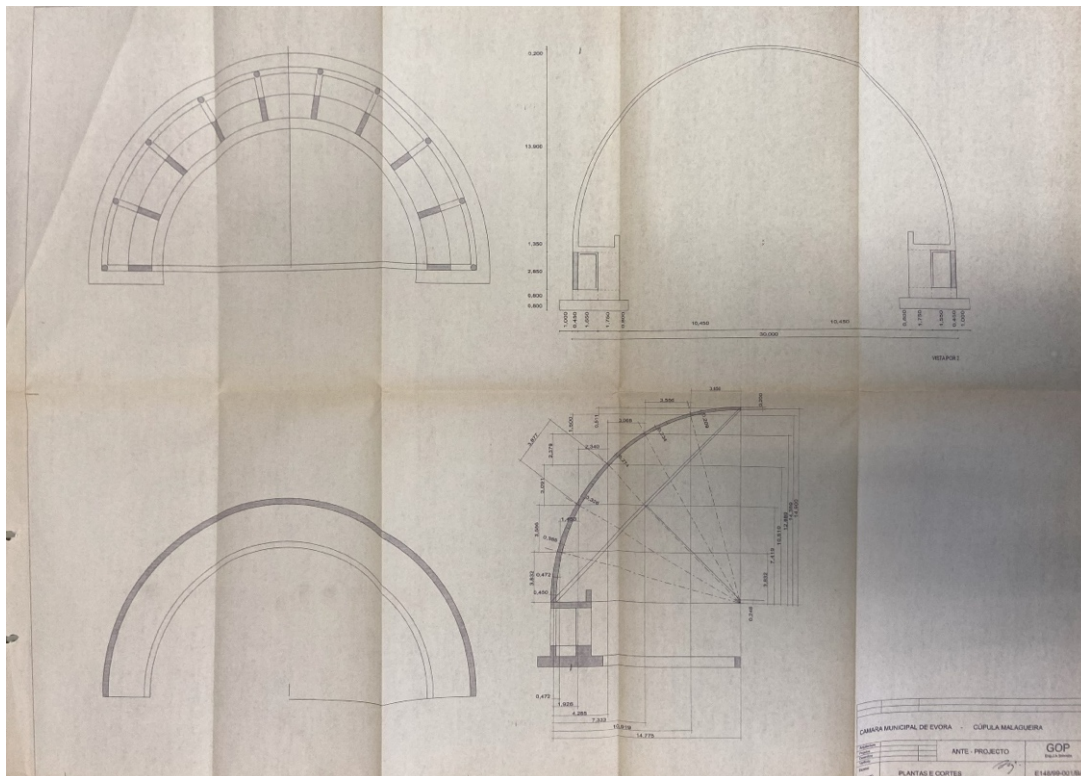


Figura 4.12; Estudo Prévio da Semicúpula, corte construtivo.⁴⁹

Está previsto que a rampa de acesso ao terraço e os pavimentos sejam de mármore e os vãos em madeira esmaltada. Na sala, balcão e instalações sanitárias as paredes são em lambris de azulejo com 2,1 metros e o pavimento em mármore. O teto e as paredes das restantes áreas são em estuque.

“O piso da cobertura do café assim como as respetivas escadas e rampas de acessos será em mármore

Nos revestimentos interiores do café serão utilizados estuque em tetos e paredes, azulejo em lambrim até 2,10m de altura, e mármore em pavimentos da sala, balcão e instalações sanitárias. As esquadrias interiores e exteriores serão em madeira para pintar. Tanto a cafetaria como os acessos teriam a mesma solução construtiva. Serão constituídos por elementos laminares, lajes e paredes em betão armado.”⁵⁰

A minha proposta é de que a Semicúpula e a Cafetaria sejam executadas exatamente como o arquiteto previu, e de acordo com os documentos presentes na DGU de Évora.

⁴⁹ Estudo prévio da Cúpula e equipamentos na Praça Zeca Afonso, Malagueira, Évora, 1999. Arquivo Câmara Municipal de Évora DGU.

⁵⁰ Arquivo Câmara Municipal de Évora DGU.

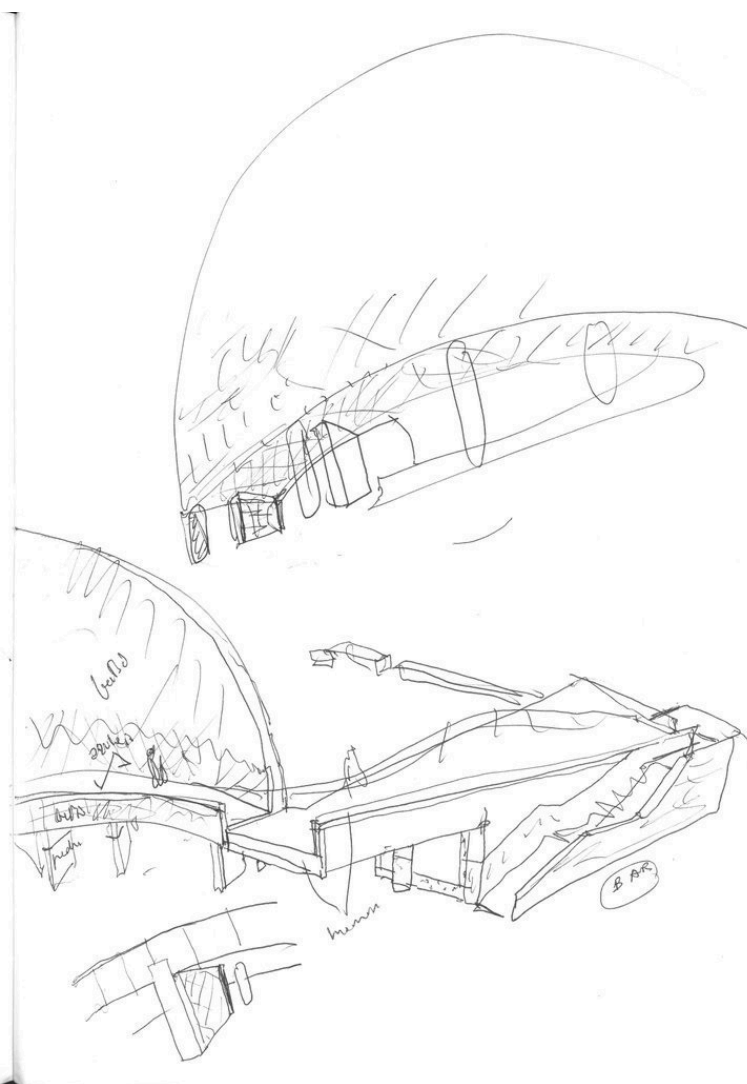


Figura 4.13; Estudos dos materiais da Semicúpula e da Cafeteria ⁵¹.

4.3 Edifício da Junta de Freguesia

Como já foi referido, o projeto apresentado para a ampliação e reabilitação do edifício da Junta de Freguesia, cria uma nova rua, a rua das Lojas, e liga a Praça José Afonso com o bairro de Santa Maria.

O edifício da Junta de Freguesia terá um novo corpo, que incluirá um auditório e uma cave. No vazio entre o bloco atual e o novo bloco, existirá um pátio, sendo os blocos ligados numa só peça, através de uma passarela no piso superior.

A memória descritiva, de 26 de fevereiro de 2001, descreve:

“A construção será executada em estrutura de betão armado e lajes aligeiradas, mantendo os elementos estruturais do edifício existente, à exceção da escada e pilares no compartimento e do presente projeto.

⁵¹ Álvaro Siza, Caderno de desenhos; Drawing Matter, 1980.

As paredes exteriores serão em alvenaria de tijolo vazado, dupla e isolada termicamente, rebocadas e caiadas pelo exterior.

A cobertura será termicamente isolada e impermeabilizada com tela P.V.C.

As paredes interiores serão em tijolo vazado de 7,11 e 20 cm, estanhadas e pintadas.

Os pavimentos interiores serão em soalho de pinho amarelo americano, à exceção dos átrios no rés-do-chão e as instalações sanitárias que serão em mármore branco Estremoz. Prevêem-se ainda em azulejo branco 15x15cm na Rua das Lojas e no pátio, e mármore branco Estremoz na varanda.

As esquadrias interiores e exteriores serão em madeira esmaltada. As esquadrias exteriores terão vidros duplos e soleiras em mármore branco Estremoz, os vãos da fachada norte com chapa no exterior.”⁵²

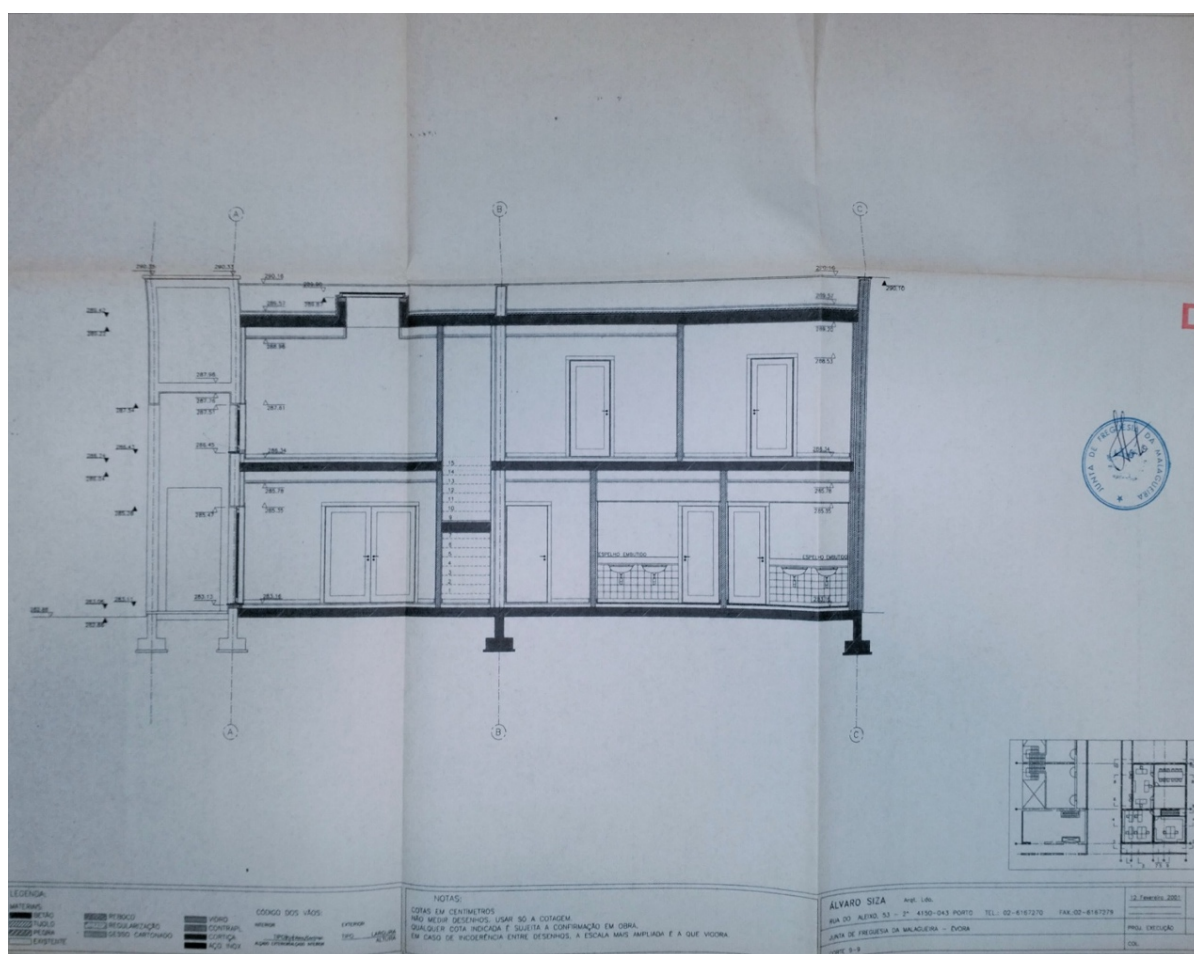


Figura 4.14; Estudo Prévio; corte construtivo da Junta de Freguesia.⁵³

⁵² Arquivo Câmara Municipal de Évora DORU.

⁵³ Arquivo Câmara Municipal de Évora DORU.

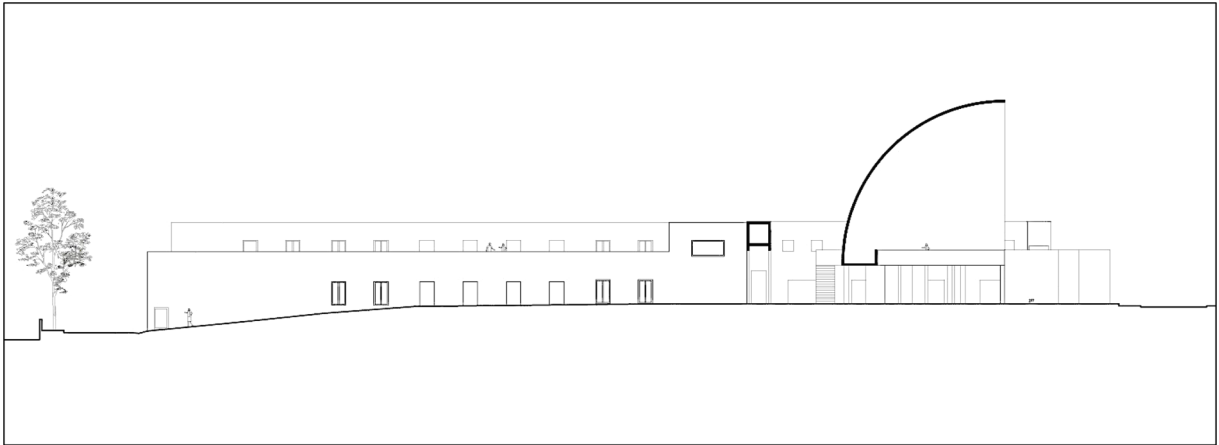


Figura 4.15; Alçado do edifício da Junta de Freguesia.

4.4 Nova Construção

Como referido anteriormente, no projeto da Malagueira só se encontra informação sobre o edifício Oeste da rua das Lojas. No que respeita ao edifício Este da rua das Lojas apenas se encontrou informação relativa a uma planta. Como não está definido o projeto para o edifício, proponho aqui uma nova construção, com base nos dados existentes em planta.

O programa que proponho visa criar um centro administrativo na Malagueira, que traga emprego e comércio para o bairro, estimulando a atividade económica e social.

O edifício vai ter uma linguagem semelhante à do edifício da Junta de Freguesia e de toda a Malagueira, estratégia adotada para respeitar a arquitetura local, tanto da Malagueira como do centro histórico.



Figura 4.16; Plantas os elementos do projeto a não considerar (amarelos à esquerda) e com os elementos novos a construir (a vermelho à direita).

Na figura 4.16, estão representados em planta os elementos do projeto a não considerar (indicados a amarelo) e os elementos novos a construir (indicados a vermelho). No lado esquerdo da

figura, apresenta-se a planta do projeto do Arquiteto Siza para a Semicúpula, Cafetaria e Junta de Freguesia.

O novo edifício tem três pisos, relacionando-se com o conjunto como se representa nas plantas das figuras 4.17 a 4.19, é composto por dois corpos administrativos, com serviços e comércio, e uma praça pública apoiada por serviços de restauração.

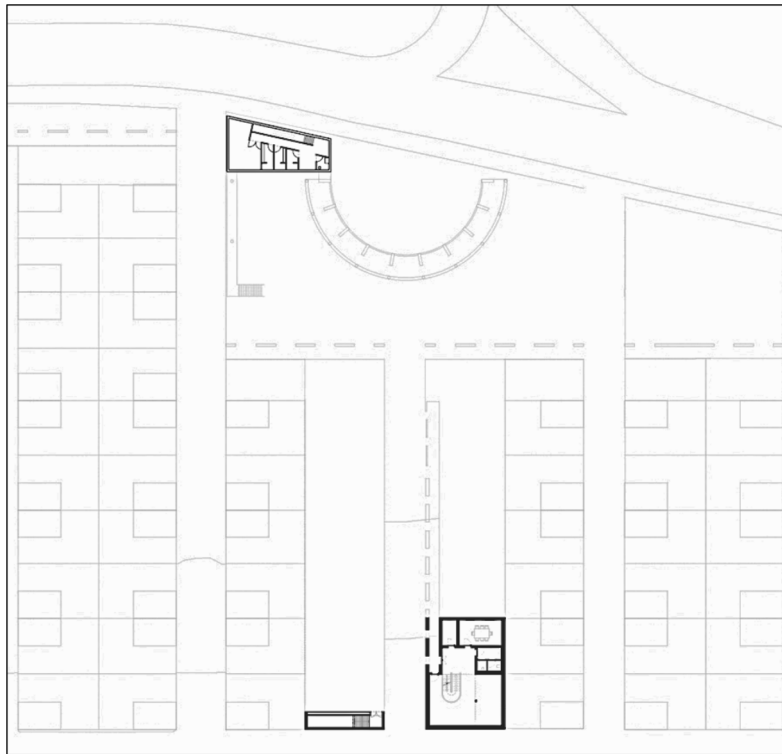


Figura 4.17; Planta do piso -1.

O acesso ao edifício é feito por uma galeria com arcadas, estabelecendo deste modo uma relação com o projeto de Siza, respeitando o existente, tal como este faz em relação ao centro da cidade de Évora.

A volumetria é semelhante à proposta de Siza, um corpo baixo e longo de planta retangular, subtraído de um pátio central.

O vazio, criado pela praça pública, estabelece uma relação com o edifício da Junta de Freguesia, ambos criam uma área pública comum.

O piso térreo tem acesso pelos lados norte e sul do edifício aos diferentes espaços de trabalho. Na zona central existe uma praça pública de 138,16m², a norte e sul existem dois espaços para estabelecimentos de restauração, com sala de refeições, cozinha e casas de banho, ocupando cada um deles uma área total de 60m².

No lado norte do edifício existe um espaço de trabalho, distribuídos pelo piso térreo e pelo primeiro piso, com escadas de acesso privado. No piso térreo inclui uma receção de 32,4 m² e um

espaço de trabalho de 16 m². No primeiro piso existe um espaço de trabalho openoffice de 28,05 m², um espaço de trabalho privado de 21,93 m², um espaço de distribuição de 23,46 m², uma cozinha de 30,42 m² e casas de banho com 14,4 m².

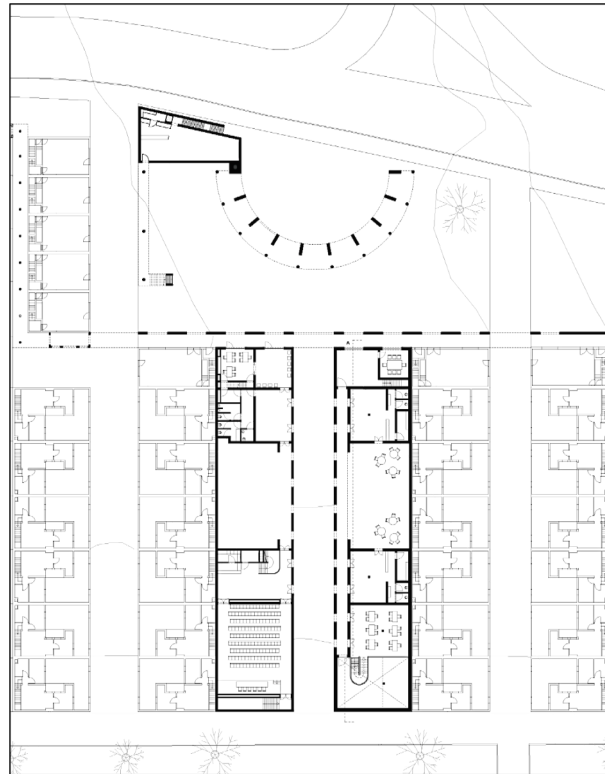


Figura 4.18; Planta do piso 0.

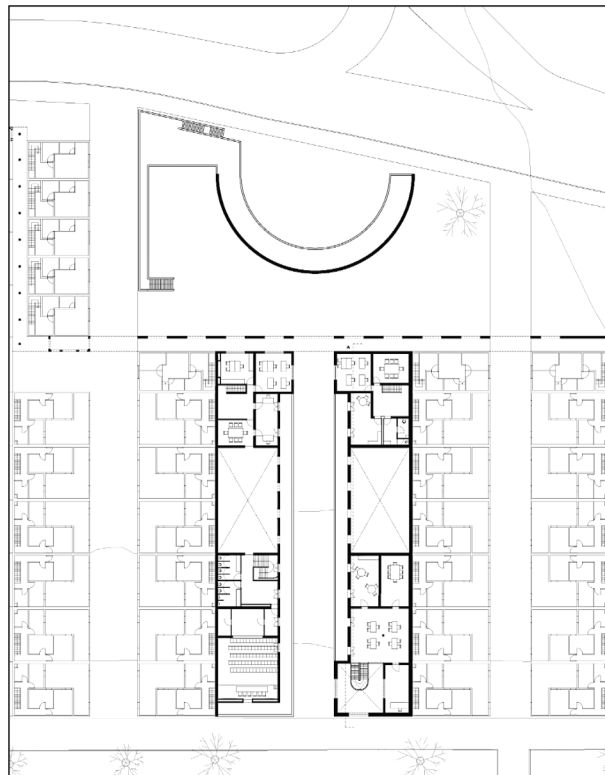


Figura 4.19; Planta do piso 1.

No lado sul do edifício existe outro espaço de trabalho, distribuídos pelo piso -1, pelo piso térreo e pelo primeiro piso, com escadas de acesso privado. O piso -1 tem um espaço de receção de 76,22 m², um espaço de distribuição de 18,97 m², casas de banho com 12,14 m², um espaço de trabalho privado de 23,33 m² e um espaço de arrumos com 8,15 m². No piso térreo existe um espaço de trabalho openoffice de 66,3 m². O piso 1 inclui um espaço de trabalho open office de 66,3 m², dois espaços de trabalho privado com 31 m² e 23,1 m² e uma cozinha com 31,52 m².

O pé direito é de 3m nos estabelecimentos de restauração e na receção do lado norte, de 7,5m na receção do lado sul e de 2,7m nos restantes espaços.

Os lados norte e sul do primeiro piso são ligados por uma galeria exterior.



Figura 4.20; Perspetiva da intervenção proposta.

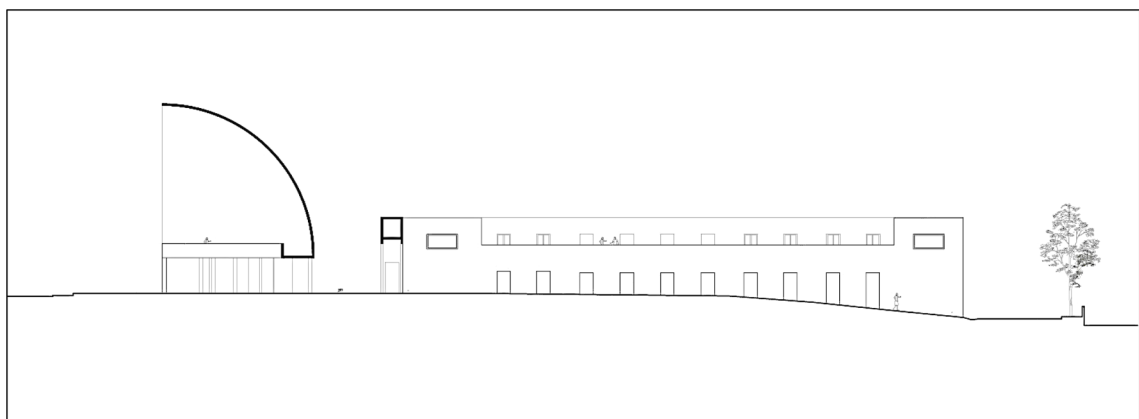


Figura 4.21; Alçado do novo edifício a construir.

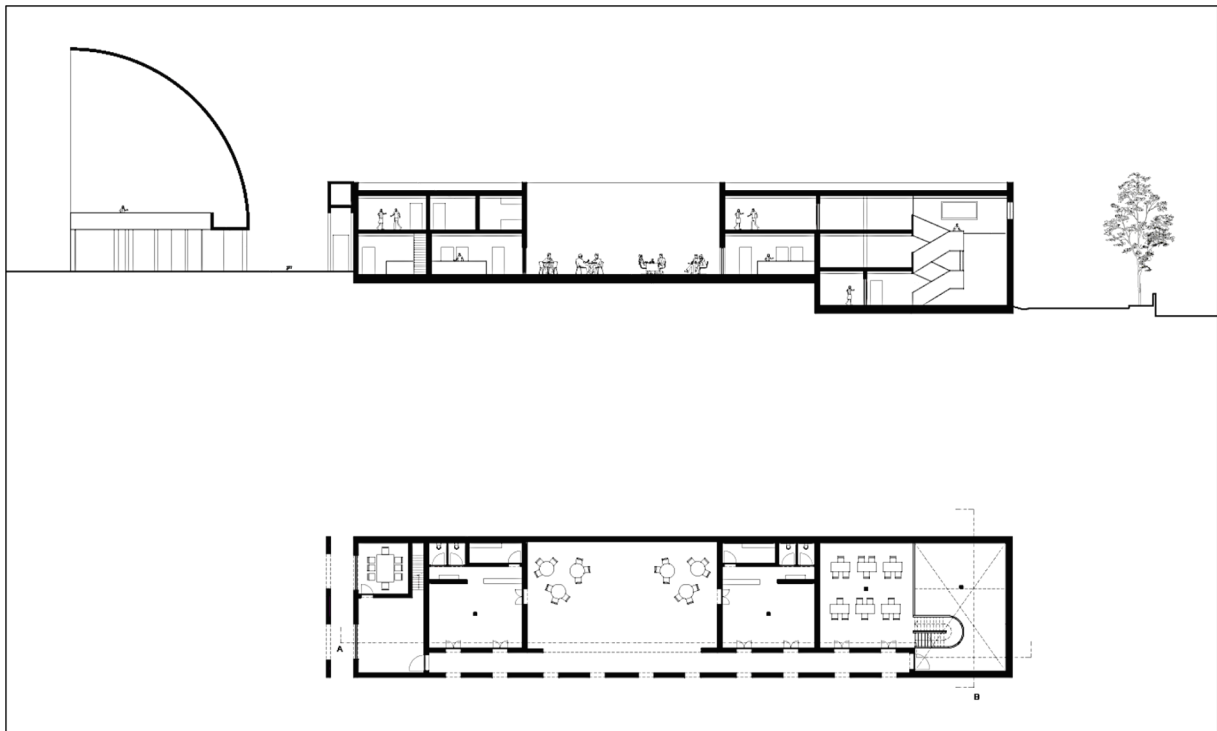


Figura 4.22; Planta e corte A do novo edifício a construir.

A materialidade exterior vai respeitar a existente na Malagueira, as fachadas são rebocadas e pintadas a branco com caixilharias de madeira pintadas de branco. O pavimento da galeria inferior, superior e da praça pública serão em mármore branco, à semelhança da Junta de Freguesia.

Apesar da semelhança exterior, o interior é completamente diferente da Junta de Freguesia. A estrutura e as lajes são em painéis de CLT (*cross laminated timber*) à exceção do piso -1, onde são em betão armado por razões estruturais da fundação.

Com exceção dos espaços húmidos, os pavimentos são em linóleo, os tetos e as paredes em gesso cartonado, exceto no espaço de trabalho privado do lado sul, com vista para a receção, em que as paredes são com CLT à vista. Os espaços húmidos são totalmente revestidos por material vinílico impermeável, do tipo Aquarelle Wall HFS.

A escada do piso -1 é em betão armado, as guardas são em madeira opaca relacionando-se com os pilares estruturais em CLT.

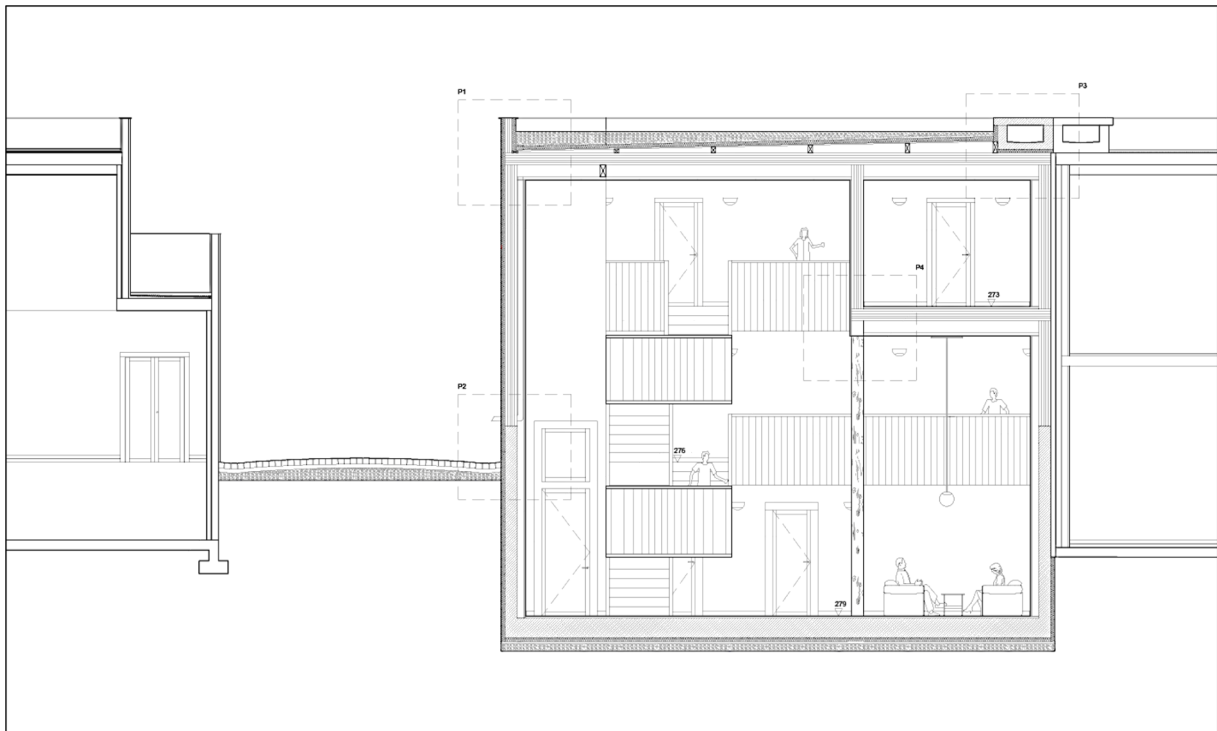


Figura 4.23; Corte construtivo B do novo edifício (planta na figura 4.22).

O CLT é um material orgânico, constituído por camadas de madeira maciça sobrepostas em diferentes direções. É um bom isolante térmico e acústico, oferecendo ainda proteção antifogo e antissísmica. É um material sustentável face às atuais opções presentes no mercado, pela sua origem orgânica e porque os processos de produção e as técnicas de construção são pouco poluentes.

As figuras 4,24 a 4.27 apresentam cortes da figura 4.23 com a identificação dos diferentes materiais utilizados.

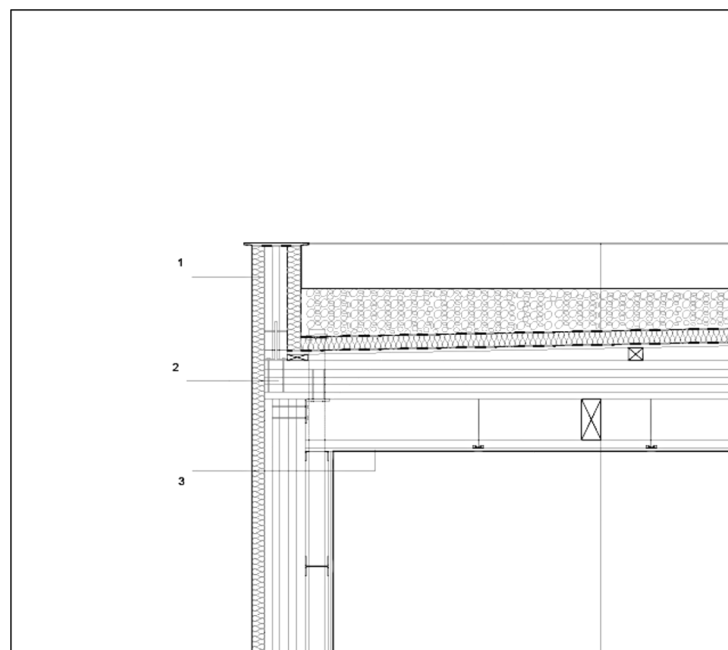


Figura 4.24; Pormenor P1 da figura 4.23. 1 – Reboco de parede com sistema ETICS de cortiça, 80mm; 2 – Estrutura em madeira tipo CLT, 250mm; 3 – Teto falso placa de gesso cartonado, 15mm.

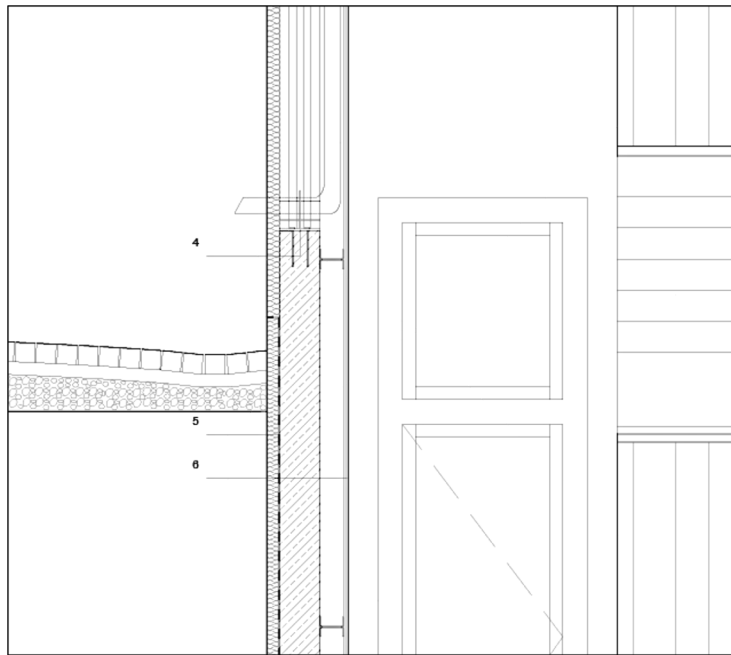


Figura 4.25; Pormenor P2 da figura 4.23. 4 – Ligação com um perfil metálico, 10mm; 5 – Tela de impermeabilização, 5mm; 6 – Parede falsa, duas placas de gesso cartonado, 30mm.

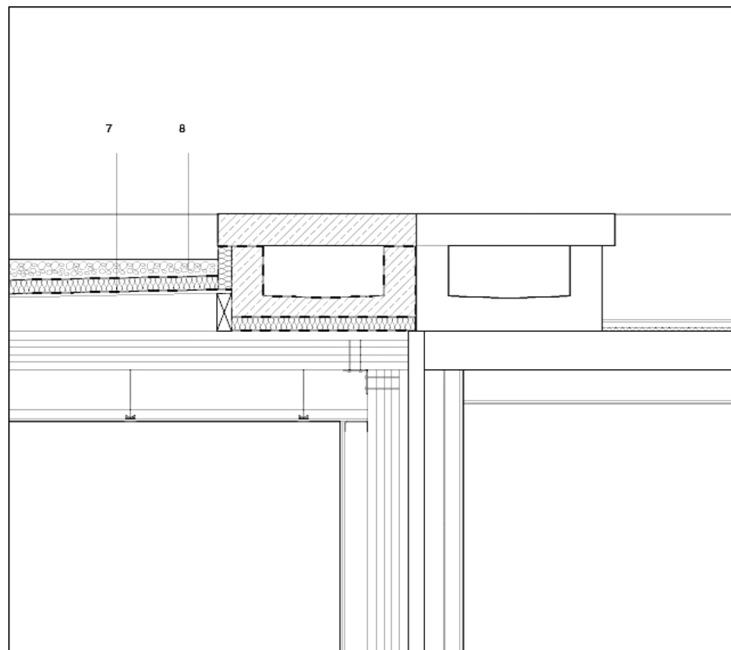


Figura 4.26; Pormenor P3 da figura 4.23. 7 – Painel em madeira tipo OSB, 20mm; 8 – escoamento de águas com gravilha, 30mm.

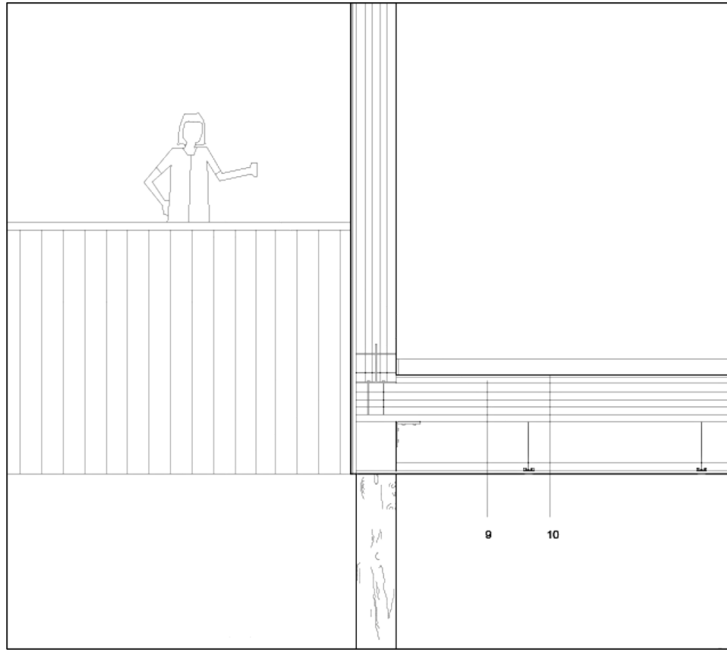


Figura 4.27; Pormenor P4 da figura 4.23. 9 Argamassa de nivelção, 40mm; 10 – Acabamento do pavimento em linóleo cinzento, 10mm.

Conclusões

Como observado no capítulo 1, a cidade de Évora sofreu um grande aumento de população como consequência do êxodo rural, a partir do início do século XIX. Este fenómeno provocou a construção de bairros clandestinos na periferia da cidade. O aumento de população exigia à cidade uma organização mais cuidada e uma melhor distribuição dos serviços e comércio, que a cidade não estava preparada para assegurar. Os bairros clandestinos careciam de planeamento, infraestruturas básicas e administrativos, ou polos comerciais, que combatessem a concentração de vida social no centro histórico de Évora.

No capítulo 2 analisou-se o Plano de Pormenor do bairro da Malagueira e a sua evolução construtiva. Álvaro Siza fez um projeto com uma relação e uma linguagem muito forte com o centro histórico. Este bairro estava programado para fazer parte da cidade. O programa forneceu habitação para inúmeras famílias e tinha previsto uma série de equipamentos públicos, que ajudariam a aliviar a pressão do centro histórico, distribuindo as atividades da região para outra zona, criando assim outro polo económico e social no Bairro da Malagueira. Não obstante, os equipamentos públicos previstos não chegaram a ser construídos, não permitindo atingir o objetivo proposto.

O Capítulo 3 apresenta os dados resultantes do trabalho de campo e investigação nos arquivos da Câmara Municipal de Évora. Ao longo do trabalho, constatei que o espaço público da Malagueira se encontra em mau estado de conservação e pouco cuidado, especialmente nos locais onde deveriam ter sido construídos os equipamentos públicos.

Nas entrevistas efetuadas aos moradores, foi sempre referido que o espaço público era pouco utilizado, existindo algum receio, no que respeita à segurança, como consequência do seu abandono. Pela mesma razão os investimentos comerciais têm tido pouco sucesso, verificando-se uma rotatividade elevada nos mesmos, pela falta de viabilidade económica.

A partir da análise efetuada, após a consulta dos projetos de equipamentos da autoria do Arquiteto Álvaro Siza, disponíveis no Arquivo da Câmara Municipal de Évora, levaram-me a refletir sobre quais seriam os de maior relevância para trazer atividade económica e comercial para o bairro.

No capítulo 4 apresento a minha proposta para a reabilitação do Bairro da Malagueira. A construção da Semicúpula e a Cafetaria são, na minha opinião, da maior importância para atingir o objetivo de criar um polo económico e social no Bairro da Malagueira e por isso mereceram a minha atenção.

A minha proposta é a de construir a Semicúpula e Cafetaria, assim como o edifício da Junta de Freguesia e ainda um novo edifício na rua das Lojas, de forma a consolidar esta área. O bairro precisa de um elemento primário que lhe dê identidade, que crie um marco, um lugar de referência que ajude

a fortalecer também o sentido de comunidade dos moradores, para além da sua centralidade e da comunicação com o espaço verde central. A rua das Lojas ligará a Praça Zeca Afonso com o Bairro Santa Maria, sendo uma zona com potencial para se tornar um minicentro administrativo e comercial na Malagueira.

Recupero integralmente o que foi projetado pelo arquiteto Álvaro Siza para a praça Zeca Afonso e para a rua das Lojas. Apesar de a maior parte dos projetos estarem desenvolvidos, não é o caso de dois edifícios previstos na praça Zeca Afonso e um terceiro edifício na rua das Lojas. Nas fontes primárias a que tive acesso na minha pesquisa, não encontrei qualquer desenho, ou documentação referente a estes 3 edifícios, para além de representações em plantas.

Para o espaço na rua das Lojas cujo projeto não foi desenvolvido, ou não encontramos documentação, proponho um edifício misto, composto por serviços e comércio, e uma praça pública apoiada por restauração. Esta praça e o acesso ao longo do edifício, feito por uma galeria com arcadas, estabelece uma relação forte com o edifício da Junta de Freguesia tal como foi projetado pelo Arquiteto. Contribuirá para tornar a rua das Lojas um espaço mais movimentado, fomentado a circulação e a presença de pessoas no espaço público.

O projeto apresenta uma linguagem semelhante a todo o bairro da Malagueira, e também uma relação com o centro histórico. Enquanto a Semicúpula, a Cafetaria e o edifício da Junta de Freguesia, são construídos tal como previsto pelo Arquiteto, para o novo edifício proponho novas técnicas de construção contemporâneas e sustentáveis.

A técnica construtiva que consiste no uso de CLT, aqui proposta, é uma evolução relativamente às técnicas utilizadas na Malagueira, que começaram por utilizar blocos de betão, e posteriormente a estrutura pilar/viga em betão armado com paredes em tijolo.

Estou convencido que esta proposta irá contribuir para dar dimensão urbana à Malagueira, como previsto por Álvaro Siza, bem como contribuir para a conservação do Bairro e para a candidatura à Lista do Património Mundial da UNESCO.

Referências Bibliográficas

- Alves Costa, Alexandre (1990), "Álvaro Siza – Arquitetura", livro 1, Editora INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Antunes da Silva (1984), "Alentejo é Sangue", Editora Livros Horizonte.
- Arquivo Câmara Municipal de Évora, Divisão de Gestão Urbanística (DGU)
- Arquivo Câmara Municipal de Évora, Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana (DORU), Câmara Municipal de Évora. Arquivo Fotográfico Municipal. (2001), "Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora".
- Ferreira da Costa, Francisca Silva Resende (2020), "Arquitetura doméstica: Complexos de Habitação Coletiva um olhar sobre os edifícios de habitação coletiva de Álvaro Siza Vieira - em Portugal e na Europa", Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade do Minho.
- Galhardo dos Santos (2017), "A Malagueira como nunca foi", Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Évora.
- Gomes, Afonso e Mário José (2016), "Bairro da Malagueira de Siza Vieira", Editora Caleidoscópio.
- Mattoso, José (1994), "História de Portugal", vol. VII, Editorial Estampa.
- Pinto Duarte, José (2001), "Customizing Mass Housing: A Discursive Grammar for Siza's Malagueira Houses", Massachusetts Institute of Technology.
- Siza, Álvaro (1980), Caderno de desenhos; Drawing Matter.
- Siza, Álvaro (2018), "Textos 02", Editora Parceria A. M. Pereira.
- Siza, Álvaro (2012) "Imaginar a Evidência", Edições 70.
- Siza, Álvaro (2019), 01 Textos Álvaro Siza, Editora Parceria A. M. Pereira.
- Toussaint, Michel e Marta Sequeira (2018), "Álvaro Siza – Projetos construídos", p. 222, Editora A+A Books, 3ª edição.
- Trigueiros, Luiz e Alexandre Alves Costa, Paulo Martins Barata e Kenneth Frampton (1997), "Álvaro Siza 1954-1976", Editorial Blau.